



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



**DAMI DA SILVA**

**ENTRE-LUGARES E ENTRE-TEMPOS: CARTOGRAFIAS DE UM  
ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO**

**UBERLÂNDIA**

**2013**

**DAMI DA SILVA**

**ENTRE-LUGARES E ENTRE-TEMPOS: CARTOGRAFIAS DE UM  
ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador(a): Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno

Co-orientador: Prof. Dr. Ricardo Wagner Machado Silveira

**UBERLÂNDIA  
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S586e Silva, Dami da, 1973--  
2013 Entre-lugares e entre-tempos : cartografias de um acompanhamento terapêutico / Dami da Silva. -- 2013.  
109 f.

Orientador: Caio César Souza Camargo Próchno.  
Coorientador: Ricardo Wagner Machado Silveira.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.  
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Psicologia aplicada - Teses. 3. Acompanhamento terapêutico - Teses. 4. Cartografia - Teses. I. Próchno, Caio César Souza Camargo. II. Silveira, Ricardo Wagner Machado. III. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV . Título.

CDU: 159.9

---

Nome: Silva, Dami da

Título: Entre-lugares e Entre-tempos: Cartografias de um Acompanhamento Terapêutico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

**Aprovado em:**

**Banca Examinadora**

**Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno – PGPSI/UFU**

---

**Prof. Dr. Bruno Vasconcelos de Almeida – PUC-MG**

---

**Prof. Dr. Jairo Dias Carvalho – IFILO/UFU**

---

## **DEDICATÓRIA**

Dedico à minha esposa Miriã pelo apoio, paciência, carinho e compreensão e aos meus pais e irmãos pelo incentivo sem igual.

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ricardo Wagner, pelas orientações, por fazer parte dos encontros e da composição deste trabalho desde a graduação até o mestrado; e por me contagiar com o pensamento do Fora;

Ao Prof. Dr. Caio Próchno e ao Prof. Dr. Luiz Avelino pelas orientações, contribuições, receptividade e hospitalidade durante o mestrado;

Aos professores João Luiz Paravidini e Anamaria Neves pelas contribuições durante as aulas;

À professora Sílvia Maria pela confiança e consideração;

Ao Grupo Trilhas – Equipe de Acompanhantes Terapêuticas – pelas trocas, oportunidades, supervisões e ideias que compartilhamos nestes últimos anos;

Ao professor Órfilo Fraga pelos inúmeros encontros, pelas contribuições, por propagar fazeres e saberes nômades durante nossas *Trilhas Filosóficas*;

Ao Gabriel (Bibi) Serafim, em nome daqueles que proporcionaram bons encontros em salas de aula, corredores, anfiteatros, ruas, praças, palestras, congressos, CAPS, supervisões, por entre-lugares e entre-tempos.

A orquídea tem ar de reproduzir uma imagem de vespa, mas mais profundamente se desterritorializa nela, ao mesmo tempo que a vespa por sua vez se desterritorializa acoplando-se à orquídea.

Deleuze e Guattari

Não é ter desse evento uma imagem, nem tampouco atribuir-lhe a gratuidade do imaginário. O evento, neste caso, tem verdadeiramente lugar... o que acontece apodera-se de nós,... nos despoja, dele e de nós, mantém-nos Fora, faz desse exterior uma presença em que o “Eu” não “se” reconhece.

Maurice Blanchot

## Resumo

Silva, D. (2013). *Entre-lugares e Entre-tempos: Cartografias de um Acompanhamento Terapêutico*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, MG.

Esta pesquisa é uma cartografia motivada por uma questão que surgiu em meio aos encontros inusitados num Acompanhamento Terapêutico, qual seja: O que se passa entre acompanhado e acompanhante? O Acompanhamento Terapêutico pode ser considerado como uma clínica das ruas, com saídas ou passeios que se constituem em um processo de produção de novos modos de existência para o acompanhado. Este, por sua vez, em algum momento se retirou ou foi retirado dos espaços de circulação, tanto físicos como afetivos. Tendo como referências o pensamento de Deleuze e Guattari, cartografamos os encontros com Pedro, a partir do Acompanhamento Terapêutico indicado pelo CAPS-ad ao qual ele estava vinculado, mas não queria mais comparecer, além de estar recluso em seu quarto, conforme relato da família. Nesses encontros, acompanhado e acompanhante tecem juntos uma rede de relações com vizinhos, lojas, comércio, família, entre outros, e articulações inusitadas com um computador, em que são produzidos novos modos de vida e subjetividade. Esses acontecimentos e as produções nos surpreenderam e nos levaram a questões, dúvidas e hesitações que deslocaram nosso modo de entender a clínica do Acompanhamento Terapêutico, seus lugares e tempos. São experimentações, agenciamentos, acontecimentos e devires que se passam entre acompanhado e acompanhante que os arrastam, produzindo novos modos de ver, pensar, sentir e estar no mundo.

Palavras-chave: Acompanhamento Terapêutico, Clínica, Cartografia.

## Abstract

Silva, D. (2013). *Between places and between times: Cartographies of therapeutic accompaniment*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, MG.

This research is a mapping or cartography motivated by a therapeutic accompaniment and a question that emerged during the meetings, namely, what passes between accompanied and accompanying person? The therapeutic accompaniment can be considered as a clinical street, with walks and outputs that constitute a production process of new ways of existence for accompanied. The accompanied is a person that at some time in its life withdrew or was withdrawn from circulation spaces, both physical and emotional. Taking as references the thoughts of Deleuze and Guattari, we mapped the meetings with Pedro, from therapeutic accompaniment indicated by CAPS-ad to which he has bound, but did not want to be attended anymore, in addition to being seclude in his house, according to family report. In that meetings accompanied and accompanying person weave together a network of relationships with neighbors, shops, trade, family and unusual joints with a computer, which produces new ways of life and subjectivity. Such events and productions surprised us and took us to questions, doubts, hesitations that displaced our way of understanding the clinical of therapeutic accompaniment, their places and times. These are experimentations, agencements, events and becomings in therapeutic accompaniment passing between accompanied and accompanying person, which drag them, producing news ways of seeing, thinking, feeling and being in the word.

Key-words: Accompaniment Therapeutic, Clinic, Cartography.

## SUMÁRIO

1 SOBRE O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E O ACOMPANHAR.....	11
2 CARTOGRAFIA DOS CONCEITOS.....	27
3 ENTRADAS E SAÍDAS, ENCONTROS E DEVIRES.....	36
4 ENTRE O QUE SE PASSA.....	98
REFERÊNCIAS.....	106

## 1 SOBRE O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E O ACOMPANHAR

Esta pesquisa surge em meio a encontros vários com a psicologia, saúde mental, psicanálise, filosofia e de encontros inusitados no Acompanhamento Terapêutico, que veio a ser, de certa forma, um catalisador, que levou a outros encontros, saberes e fazeres, num processo de contágio e propagação que tratou também de conspurcar essa mistura, necessário dizer, coisa muito bem-vinda.

Tratar de tudo isso em todas as suas nuances, pormenores e implicações seria tarefa muito ampla para esta dissertação. Nosso intuito então é abordar os encontros no Acompanhamento Terapêutico, as experimentações e composições que o fizeram inusitado e singular. Esse é o limite necessário do trabalho, e que talvez por isso deixe de contemplar aberturas para conexões ainda possíveis.

E como começar é quase sempre um desafio, iniciamos sem mais sobreavisos, dizendo que, do mesmo modo que para Deleuze (1998) interessa o que se passa entre uma coisa e outra (entre o carrapato e o boi; entre a vespa e a orquídea; entre um livro e quem o lê – o início ou fim de qualquer coisa não interessa, a propósito, sempre se está no meio, o que está no meio é que importa), a questão que nos move é: O que se passa entre acompanhado e acompanhante?

Quanto ao Acompanhamento Terapêutico, numa apresentação rápida, pode se dizer que é sair/estar na rua com o paciente, acompanhando/compartilhando experiências e vivências com a intenção de ampliar as suas possibilidades. Pode acontecer em passeios, saídas e na convivência com o paciente e a família no seu ambiente de vida diária. O acompanhado costuma ser aquele que em algum momento perdeu o contato com o social ou que por algum motivo foi retirado (ou se retirou) dos espaços de circulação, tanto no que diz respeito aos

espaços concretos (ruas, praças, cidade) quanto às relações com vizinhos, amigos, parentes. O espaço de atuação é por excelência a rua, mas não se limita a ela.

Para nos contextualizarmos de início, apresentamos<sup>1</sup> alguns fragmentos do Acompanhamento Terapêutico ao qual nos referimos. O primeiro encontro com o acompanhado, que chamaremos de Pedro, foi numa visita feita juntamente com a psicóloga de referência do serviço de saúde CAPS-ad (Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas), a fim de o conhecermos e nos apresentarmos.

Pedro tem 33 anos, solteiro, com hipótese diagnóstica de transtornos mentais e comportamentais associados ao uso de múltiplas drogas. Relatou o uso de álcool aos nove anos de idade, uso de maconha e crack. Relatou que já estava há um ano e sete meses sem usar drogas e, por isso, não precisava mais do CAPS-ad. Estudou até a antiga segunda série do ensino fundamental, mas consegue ler e escrever consideravelmente bem. Os delírios de Pedro apresentavam conteúdos com referências a maçons, figuras de autoridade em geral como juízes, advogados, governador e policiais que, de alguma forma, o perseguia.

O Acompanhamento Terapêutico foi indicado porque o acompanhado não queria participar das atividades no CAPS-ad e, muito menos, comparecer à instituição. Familiares também relatavam que ele não queria sair de casa e se restringia a ficar no quarto. Além disso, havia uma demanda do serviço de saúde CAPS-ad para que Pedro se vinculasse ao CAPS saúde mental perto de sua residência. Um dado interessante nesse contexto era a posição ambivalente da mãe do acompanhado, que reclamava que o filho se restringia a ficar no quarto fumando, mas, ao mesmo tempo, ela agradecia a Deus por ele não sair de casa, pois assim não corria o risco de entrar novamente em contato com as drogas.

---

<sup>1</sup> Nos relatos, optamos, autor e orientadores, por descrever os encontros variando entre a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, marcando como ora o acompanhado, ora o acompanhante ou os dois juntos faziam alguma coisa ou tomavam alguma decisão ou eram tomados em alguma situação. Além disso, a terceira pessoa do plural marca a presença das supervisões feitas em grupo.

Na ocasião da nossa apresentação, Pedro estava sentado em uma cadeira e nos olhava fixamente – um dos braços apoiava o tronco à perna –, com olhos azuis arregalados e silenciosos enquanto conversávamos. A mãe dele ainda estava presente e já apresentava sinais de que não estava bem de saúde. Explicamos a eles que a ideia do Acompanhamento Terapêutico era de que eu e Pedro pudéssemos sair, fazer coisas diferentes, ir a lugares variados, em que poderíamos combinar as atividades.

Perguntei a Pedro sobre o que geralmente ele fazia, e ele respondeu que só ficava em casa e que gostava de ouvir música. Disse também que não gostava de sair, mas como, diante do que expomos, havia concordado com o Acompanhamento Terapêutico, marcamos o primeiro encontro para a semana seguinte.

Assim, na semana posterior, no primeiro dia em que cheguei para o Acompanhamento Terapêutico, tive uma surpresa frente a tudo o que havia sido dito a respeito do acompanhado e do que ele próprio falara. Pensei que apenas ficaríamos na casa dele, no máximo conversando. Todavia, quando perguntei se ele havia pensado sobre o que fazer, ele respondeu que poderíamos ir aonde eu quisesse e, enquanto falava, foi se levantando do sofá e saindo, enquanto eu dizia que poderíamos dar uma volta – antes de terminar a frase, já estávamos saindo pela porta.

Tomado por essa surpresa, mas orientado pela perspectiva de que as saídas são o mote da clínica, fomos para uma caminhada, em que ele saiu andando rapidamente, enquanto eu tentava acompanhar. Ele não dizia nada; então, perguntei sobre a vizinhança e ele falou dos bairros adjacentes e de alguns conhecidos, num diálogo breve. Após alguns metros de subida, tentei diminuir o passo para facilitar a conversa, pois não estava acostumado a caminhadas e Pedro estava respirando como se estivesse cansado, mas a andança continuou no mesmo ritmo. Perguntei se ele estava cansado e ele respondeu: “esta caminhada puxa um fôlego”.

Então, tentei diminuir o passo de novo e, dessa vez, ele diminuiu também. Assim consegui perguntar algo mais a respeito dele, sua passagem pelo CAPS-ad e explicar mais detalhadamente sobre o Acompanhamento Terapêutico. Naquela oportunidade, ele disse que não precisava da instituição, que não usava mais drogas e, por isso, não compareceria naquele local.

Continuamos a caminhada e perguntei então sobre o bairro. Ele me contou acerca dos bairros que faziam vizinhança com aquele, falou de alguns conhecidos, mencionou a violência, os bandidos e os assaltos nas adjacências; apontou a “casa verde das mulheres”. Mais adiante, ele ainda falou da possibilidade de comprar uma casa e não ter de pagar mais aluguel.

Enquanto andava, Pedro apontava esses locais e fazia pequenos comentários – percebi que ele não se restringia apenas ao quarto como havia sido dito. Nesse passeio em que ele nos levou ao entorno do quarteirão, os pontos e as referências realizados por ele mostraram algo mais, além do que havia ouvido falar sobre ele.

Apesar das surpresas, a impressão naquele momento era de que Pedro queria apenas cumprir um combinado, uma tarefa e que isso bastava, mas, ao final da caminhada, quando chegamos a casa dele, ele fez menção em abrir o portão, mas não o fez imediatamente, e então perguntei como ele tinha chegado a Uberlândia. Ele começou a contar e, enquanto falava, procurou os cigarros no bolso, acendeu um e se agachou. Isso fez com que eu lembrasse de que, quando era criança, ia visitar parentes na roça e, sempre que um tio sacava a palha, picava o fumo, enrolava e se colocava de cócoras; dali sabia que sairia um bom “causo”.

Então, juntamente com ele, agachei-me e assim permanecemos como dois caipiras conversando de cócoras na calçada em frente à casa durante um bom tempo, dessa vez tranquilamente, enquanto os ônibus passavam na pressa da cidade. Dali podia se ver as

pessoas saindo das suas casas para o ponto de ônibus logo acima, enquanto numa manhã de plena quarta-feira, Pedro, calmamente, contava algo da sua infância e da cidade na qual nasceu, a qual chamou de “cidade pequena”. Falava das cerâmicas onde trabalhou, coisas da roça e da plantação de café. Trazia isso entre a fumaça do cigarro e uma narrativa rica em detalhes, contrastando com o seu ritmo frenético e automático do início da caminhada e o fluxo de automóveis que passavam nas ruas.

E na sequência, após parecer que a conversa tinha se encerrado, Pedro se levantou e tirou o celular do bolso para olhar as horas. A tampa do celular caiu e ele então disse que precisava comprar um celular novo – até concordei com ele. Então, Pedro disse que teria de comprar uma mesa para um computador que tinha ganhado e me perguntou se ainda havia tempo para fazermos isso.

Por um instante de hesitação, pensei no risco de uma saída para mais longe, se deveríamos ou não ir de carro, e ainda andar para procurar uma loja de móveis usados sem saber qual e onde exatamente e, outra vez, a surpresa de tanta disponibilidade por parte dele. Mas, ainda assim, ou por isso mesmo, saímos à procura de uma loja num bairro próximo.

Fomos de carro, estacionei em determinado ponto e andamos a pé, por várias ruas, à procura da tal loja. De uma esquina a outra, Pedro dizia que achava que a loja estaria no próximo quarteirão, e assim sucessivamente. Ele andava ligeiro, a passos largos, o corpo parecia pender levemente para o lado direito, e isso o fazia se destacar. Ele só parava nas esquinas para olhar para esquerda e direita; enquanto isso, eu tentava acompanhar por ruas e pedestres, observando como ele procurava se arranjar, desviando-se das pessoas e procurando pela loja.

Quando estava no meio de um quarteirão, Pedro atravessava a rua em sentido diagonal e, quando estava na esquina, atravessava em linha reta. Isso chamou a atenção, pois me

preocupava com os carros que vinham pelas ruas e, então, quando ele atravessava na diagonal, alertava sobre os carros e, ao mesmo tempo, eu tentava caminhar ao lado dele para que ele atravessasse em linha reta. Mas, como não encontramos a loja, sugeri pararmos e deixarmos a procura para outra oportunidade; e que poderíamos consultar uma lista de endereços ou perguntarmos a alguém sobre a localização de tal loja.

No decorrer do Acompanhamento Terapêutico, Pedro começou a usar o computador que havia ganhado, mas se recusou a fazer aulas de informática quando sugeri. No seu modo de usar o computador, fazia com que a máquina se desconfigurasse; dessa maneira, a pedido dele, eu reconfigurava o computador, explicando o que havia acontecido e dando algumas dicas de uso.

Em outra ocasião, percebi que a estante onde ficava o computador estava se desmontando; por conseguinte, nos envolvemos em encaixar algumas partes. Enquanto eu sustentava uma parte de cima, ele tentava encaixar umas partes de baixo. Tudo isso foi feito com muita dificuldade, mas ao final, o móvel se manteve em pé.

A irmã de Pedro começou a mostrar muita preocupação com os delírios que surgiam, com o fato de ele dar umas risadas de vez em quando, conversar sozinho, usar o computador compulsivamente e, principalmente, com o fato de cuidar dele sozinho. Na ocasião em que ela falou desse assunto, pude explicar, de uma forma mais compreensível, como isso fazia parte de uma singularidade de Pedro, além de expor aspectos relacionados ao trabalho de acompanhante terapêutico, o que, de algum modo, atenuou a sua preocupação de estar só.

Assim, na experimentação do Acompanhamento Terapêutico, no dia a dia com o acompanhado, caminhando pelas ruas, ou em sua casa, participando do seu cotidiano, surgiram questões a respeito do que fazer em cada circunstância, como fazer o vínculo, o que

dizer, o que esperar, para onde ir, como lidar com a família e os profissionais do serviço de saúde.

Numa tentativa de articular essas demandas e questões, a preposição “entre” começou a fazer parte do discurso. Num primeiro momento, este “entre” se relacionou com o espaço físico, referindo-se à condição do acompanhado que, a nosso ver, estava numa posição entre o CAPS-ad e o CAPS saúde mental, não podendo ser alcançado por nenhum desses serviços. O acompanhado também estava numa situação entre a rua e a casa, entre sair ou não sair, devido tanto à ambiguidade da mãe, quanto à nossa proposta de saídas e à nossa hesitação inicial.

Passamos a articular o “entre”, considerando que estávamos entre um CAPS-ad e CAPS saúde mental, mas tentando fazer uma passagem de um para o outro; entre o acompanhado e o seu computador, ou mesmo a estante, para que fosse possível uma sustentação; entre ele e a sua irmã, a fim de proporcionar um entendimento sobre a situação angustiante para ela, a partir da qual fosse possível manter uma relação menos ansiogênica; e entre ele e a rua, para que houvesse um trânsito possível. Enfim, estar “entre” para as relações com o mundo se tornarem possíveis.

Em outro aspecto, “entre” também se referiu a “estar entre” os vários discursos e descrições feitas a respeito do acompanhado, por exemplo, a descrição no prontuário do CAPS: “paciente não vinculado, resistente em aderir ao projeto e isolado”; a descrição da mãe sobre um filho que “graças a Deus que não sai de casa” e que “só fuma” compulsivamente; ou “paciente com psicose generalizada”; “um trabalhador da cerâmica que tinha três empregos, agora com ‘psicose dupla personalidade’”, que “usou drogas e já não usa mais e que conhece as ruas muito mais do que se pensava”.

Todas essas descrições produzem pontos de vistas sobre o acompanhado. Assim, se num dado momento, essas definições serviram para delimitá-lo numa classificação nosológica,

numa tentativa de se fazer um projeto terapêutico ou um prognóstico, pode-se pensar o Acompanhamento Terapêutico como um modo de se colocar entre essas descrições sem se posicionar em uma, mas dar movimento e expressividade a estas “várias pessoas”, tendo o próprio acompanhado como produtor de verdades/possibilidades sobre si mesmo. Assim, nos sentíamos como estando “entre” tudo isso, numa verdadeira encruzilhada.

Nosso intuito, neste trabalho, é fazer uma aproximação do Acompanhamento Terapêutico com o pensamento de Deleuze e Guattari. O encontro com esses pensadores se dá no percurso da nossa prática clínica, principalmente pela importância política, clínica e institucional para a luta antimanicomial e pela inventividade dos seus conceitos, que provocaram um deslocamento em nosso pensamento e no modo como entendíamos a clínica.

Com esses autores temos por referência o funcionamento maquínico do inconsciente. O desejo como máquina “é da ordem da produção; toda produção é ao mesmo tempo desejante e social” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 390), sendo que ao desejo nada falta – desejar é produzir a realidade, o investimento do desejo é, primeiramente, o de um campo social e não familiar, que é derivado daquele (Deleuze & Guattari, p. 363); e o delírio investe no campo social, econômico, político, assim, delira-se sobre raças, povos e línguas, e não sobre coordenadas familiares. “O delírio é o investimento do campo social histórico pelas máquinas desejantes” (Deleuze e Guattari, 2010, p. 28). Por hora, apenas destacamos essas observações que serão retomadas mais tarde.

A aproximação destes autores com o Acompanhamento Terapêutico não é inédita, podemos vê-la em Rolnik (1997), Araújo<sup>2</sup>, Cauchik<sup>3</sup> e Muylaert<sup>4</sup>, entre outros. Nesta

---

<sup>2</sup> Araújo, F. (2006). *Um passeio esquizo pelo Acompanhamento Terapêutico: dos especialismos à política da amizade*. Niterói, RJ: Autor.

<sup>3</sup> Cauchick, M. P. (2001). *Sorrisos Inocentes, Gargalhadas Horripilantes: intervenções no Acompanhamento Terapêutico*. São Paulo, SP: Annablume.

<sup>4</sup> Muylaert, M. A. (2006, set.). AT como dispositivo clínico: uma perspectiva da esquizoanálise. In: *Psiquê, Edição Especial Temática Acompanhamento Terapêutico*. Ano X, n. 18. São Paulo, SP: Unimarco.

aproximação usaremos a cartografia - formulação de Deleuze e Guatarri (1995) - como um dos nossos intercessores. Para Deleuze (2010a), os intercessores são importantes para a criação e podem ser pessoas, conceitos, coisas, plantas, até animais, também podem ser fictícios, reais, animados ou inanimados.

Os intercessores servem para pensar o processo, o movimento, as transformações ou mesmo para mover o próprio pensamento à criação ou transformação. Os intercessores funcionam por ressonância e relações de troca entre os termos da relação. “Eu preciso de meus intercessores para me exprimir e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê... Sem os intercessores não há obra” (Deleuze, 2010a, p. 160).

Passos, Kastrup e Escóssia (2009) apontam que a cartografia como método privilegia germes potenciais para mudança, considerando que toda pesquisa tem direção clínico-política e que a prática clínica é intervenção geradora de conhecimento. Nesse sentido, ela se dirige não às formas, ao instituído, indivíduo ou social, mas ao coletivo como um plano de forças, ao instituinte, aos processos de subjetivação. Assim, interessa tudo aquilo que possa se tornar dispositivo de intervenção, abrindo possibilidades de passagem, desvio e criação.

Em relação à clínica, acolhe-se o sujeito com sua história, forma identitária, verdades, memórias, crenças; mais que isso, acolhe-se um processo de subjetivação em curso. A clínica também se realiza entre dois processos de subjetivação na relação analista-analisando, na relação entre o clínico e o não-clínico: clínica e política, clínica e arte, clínica e filosofia. Assim, pensamos numa clínica que visa intensificar ou apostar em devires. O trabalho de análise é acompanhar, descrever, intervir, fazer parte do que se cria e de seus efeitos de subjetividade (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009).

---

A cartografia considera os processos de produção de subjetividade por se colocar como uma prática de acompanhamento de processos e por considerar o trabalho de análise como simultâneo ao de descrever e intervir. Além disso, é um método que se coloca para ser experimentado, e não aplicado (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009).

Apresentamos a seguir, de forma resumida, algumas pistas do método cartográfico de acordo com Passos, Kastrup e Escóssia (2009). Essas pistas não pressupõem uma ordem a ser seguida, hierarquia ou a limitação entre elas como se fossem estanques ou fases – elas são inseparáveis e formam uma composição indiscernível.

Na primeira pista, temos que a cartografia é um método de pesquisa-intervenção, de modo que pesquisar e intervir não se diferenciam. Isso aponta para o fato de que conhecer e fazer não estão separados: o processo de pesquisar faz emergir o objeto, o sujeito e o conhecimento como efeito desse pesquisar; assim, não há saber dado *a priori* a respeito da realidade. O saber então emerge do fazer, colocando o trabalho referenciado por um fazer-saber, transformar para conhecer e não conhecer para transformar.

A segunda pista compreende os aspectos referentes ao funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. Como nesse método se faz necessária a detecção de forças circulantes dentro de um processo em curso ou a detecção de cenas, discursos, conexões, fica a pergunta: Como se pode fazer isso? Nesse caso, a atenção requerida caracteriza-se por um regime construtivista, inventivo; uma atenção cartográfica, flutuante e aberta. O importante é detectar algo que remeta a uma singularidade, a uma processualidade, a mudanças sutis. Enfim, uma atenção movente, com características da percepção háptica.

Essa percepção háptica se diferencia de uma percepção ótica que está submetida a uma organização da figura, com seu jogo de figura e fundo, característica da organização cognitiva sujeito-objeto. Ela se referencia por um olho que tateia, explora, rastreia, do mesmo modo que

se pode levar isso para a audição ou outros órgãos do sentido. A exploração deve ser feita a partir de sensações, numa abertura para a intensidade do encontro.

Com isso, temos uma espreita por algo que começa a tomar relevo no conjunto, algo sentido como uma sensação rápida, que nos coloca em estado de dispersão ou alerta, que parece tirar o entendimento da situação percebida como estável, cristalizada, pronta ou constante; uma intensidade que produz uma vertigem. A atenção, num gesto de pouso, se coloca em torno de algo que parece se organizar e, a partir desse algo, a pergunta a ser feita não será “o que é isso”, mas “vamos ver o que está acontecendo” e, assim, acompanhar um processo.

A terceira pista nos diz que cartografar é acompanhar um processo que está em andamento quando chegamos e que, por isso, sempre entramos no meio ou pelo meio; aliás, um processo que não tem início ou fim. O pesquisador se coloca em contato próximo com o cotidiano, os hábitos, a família, os grupos e os itinerários, habitando um território do qual não fazia parte anteriormente. Então, deve estar aberto à novidade, numa relação de composição com os elementos que aparecem e que já fazem parte do ambiente.

No caso que trazemos, os encontros aconteceram em vários lugares, por exemplo, na sala, no quarto, no quintal dos fundos da casa, em saídas: andando nas ruas ou em lojas. Além disso, houve uma visita à casa da irmã cuidadora e várias conversas com ela ao telefone. Regularmente, íamos ao CAPS-ad entregar relatórios e conversar com a psicóloga de referência do acompanhado.

Na quinta pista, os autores apontam para o coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. Isso quer dizer que é necessário levar em consideração todas as forças que perpassam cada experiência nos encontros. Coletivo não é o conceito de social, como entendido na psicologia ou sociologia, o que poderia redundar numa dicotomia

indivíduo/sociedade, assim como outras dicotomias, como sujeito-objeto, mente e corpo ou analista e analisando; ele deve ser entendido como relações de reciprocidade e cruzamentos entre os planos de formas e de forças.

Nesses termos, o plano de formas refere-se a uma organização da realidade, ao que está instituído, formatado em torno do que se vê e o que se fala, palavras e coisas, figuras estabilizadas, individualidades, objetos que acreditamos constituir a realidade, coisas e estados de coisas aos quais atribuímos um caráter de constância, objetos de conhecimento em suas regularidades.

Já o plano de forças refere-se ao instituinte, a um plano não fixo, movente, em constante transformação, com seus movimentos, repousos, velocidades, fluxos, pré-individualidades, plano de intensidades, em que não existem regras fixas. É o plano de relação das forças.

As formas são resultantes das relações de força e correspondem a coagulações, cristalizações, uma certa estabilização, redundância, repetição em torno de uma configuração de forças em dado momento que nos dá a impressão da universalidade, da concretude do mundo. Essas relações serão abordadas mais detalhadamente no capítulo sobre os intercessores conceituais.

A sexta pista refere-se à dissolução do ponto de vista do observador. O que está em pauta no método é transformar a realidade para conhecê-la, e nesse transformar está inserido o cuidado no Acompanhamento Terapêutico de um processo de gênese de si e do mundo na direção de uma ampliação comunicacional dos sujeitos e grupos.

Isso exige mais do que descrever sob uma orientação de neutralidade em relação ao objeto, de não interferência, ou a partir de um distanciamento, mas, ao contrário, de se tomar pela dissolução do ponto de vista de um observador neutro. Assim temos um plano implicacional composto de forças inicialmente designadas pelos institucionalistas de

transferência e contratransferência institucionais, o que é chamado mais tarde de transversalidade<sup>5</sup>.

Entendido desse modo, o plano é composto por todo um coletivo de forças que o perpassam e que não está apenas restrito aos pares eu-tu, analista-analisando, subjetividade de um e a do outro. Por essa dissolução, a experiência passa a ser de uma abertura aos vários pontos de vista que se fazem presentes, sem identificação a qualquer um, permitir e acolher as múltiplas vozes que perpassam o processo, sem que nenhuma seja definitiva ou hegemônica. Isso não quer dizer entrar num certo senso ou construir um consenso que ainda anularia ou excluiria as diferenças, mas ao contrário, a intenção é poder produzir e afirmar as diferenças.

A oitava pista compreende uma política que se dá nas/através das relações dos sujeitos, relações de força referenciadas por regras e normas que não são necessariamente jurídicas. Assim, a política de narratividade é “uma tomada de posição em relação ao mundo e a si mesmo quando definimos uma forma de expressão do que se passa ou acontece” (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009 p. 151). Sendo assim, o conhecimento que se exprime sobre o mundo, sobre si mesmo, sobre as coisas, objetos, ideias, sobre o outro não é apenas uma questão de teoria, mas um problema político.

Com essa perspectiva se dá a produção de dados, e não a coleta. Tal produção de dados envolve os relatos dos encontros feitos como num diário de campo da pesquisa etnográfica. Este foi escrito após o encerramento de cada encontro, reunindo informações objetivas com detalhes mais ou menos precisos, por exemplo, para onde saíram, o que foi dito, o que foi feito, assim como as impressões que emergiram ou algo que não ficou bem entendido.

Buscou-se também colocar algo em relação ao que surgiu no plano dos afetos.

---

5 A transversalidade expressa uma dimensão da realidade que não se define nos limites estritos de uma identidade, de uma individualidade, de uma forma (esse saber, o meu saber, o saber que o outro tem e que pode transmitir), mas experimenta o cruzamento das várias forças que vão se produzindo a partir dos encontros entre os diferentes nós de uma rede de enunciação da qual emerge, como seu efeito, um mundo compartilhado pelos sujeitos (Passos e Eirado, 2009, p. 116).

O relato não é apenas registro de informações, um momento burocrático, mas uma tentativa de voltar à experiência e falar de dentro do campo. O acompanhamento de um processo exige a produção do conhecimento, considerando que se está em processualidade marcada, o tempo todo, por avanços e paradas no campo, nas saídas e nos encontros.

Para os encontros no Acompanhamento Terapêutico, fomos orientados a experimentar a atenção flutuante, estar abertos ao que nos afetasse no próprio ambiente do encontro, quer seja uma fala, um objeto, alguma atividade ou um interesse; qualquer abertura com a qual se pudesse promover uma saída ou fazer algo de diferente no cotidiano do acompanhado.

As supervisões que nos orientaram na prática ocorriam no que foi chamado de “roda de ats” (acompanhantes terapêuticos) que contava com a presença do supervisor, dos outros estagiários em Acompanhamento Terapêutico no CAPS-ad, de outros alunos ouvintes e interessados em Acompanhamento Terapêutico, de alunos envolvidos numa pesquisa no mesmo CAPS-ad. A intenção era de que a transversalidade fosse potencializada, vários pontos de vista fossem levantados e que os graus de comunicação se amplificassem em diversos sentidos e direções.

Dizemos que esta pesquisa é uma cartografia (ou cartografias) dos encontros no Acompanhamento Terapêutico, uma vez que a cartografia explora os meios e “... um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos, por exemplo, a rua e suas matérias...” (Deleuze & Guattari, 1997a, p.73), de tal forma que podemos cartografar os caminhos e os desvios produzidos nesses encontros. Tais caminhos e desvios compõem (ou são compostos) nas (e pelas) derivas, outro interessor importante para que possamos ter algo a dizer.

Grosso modo, nos referimos às derivas como passeios ou saídas pelas ruas sem uma finalidade ou um rumo pré-definido. Os Situacionistas<sup>6</sup>, de modo geral, falavam de deriva como participação nas cidades e da “... ideia da colagem, da mistura e da diversidade contra o excesso de racionalidade e funcionalidade modernas e contra a separação das funções” (Jacques, 2003, p. 27). Assim, os objetos, os elementos e as ruas tomam uma função diferente e independente do seu uso prático. As ruas, como espaço quase social, com sua lógica voltada para o trânsito de carros e pedestres, tornam-se lugar de encontros.

Ao fazer coro com os Situacionistas, acrescentamos, que o “O urbano [pode ser visto] como terreno de ação, de produção de novas formas de intervenção e de luta contra a monotonia, ou ausência de paixão da vida cotidiana moderna” (Jacques, 2003, p. 13).

A intenção da deriva no Acompanhamento Terapêutico é sempre recolher elementos ou fragmentos destes – dos encontros e a partir deles – e do modo como éramos afetados para compor, fazer acontecer o Acompanhamento Terapêutico. A deriva entende como provisórios e nômades os lugares, espaços, conceitos ou situações.

Nessa escrita que também deriva, um pouco de Manoel de Barros e Adélia Prado tempera o texto com uma “pitada” literária despreziosa. A ressonância com tais autores acontece, pois eles destacam, em suas obras, o cotidiano, a natureza, o encanto pelas coisas miúdas, os usos não conformes, o aspecto lúdico das coisas, muito próximo do que acontece nesse Acompanhamento Terapêutico e talvez próximo aos carrapatos, bois, orquídeas, vespas e de um devir que trata de involuir (que não remete à ideia de evoluir ou regredir), mas se tornar mais sóbrio, andar cada vez mais simples, econômico, tornar-se cada vez mais deserto e, assim, mais povoado (Deleuze, 1998).

---

<sup>6</sup> Guy-Debord (1931-1994) fundou a Internacional Situacionista (IS), cujas ideias abordavam a psicogeografia, a deriva e a construção de situações, criticando o funcionalismo moderno presente na arquitetura e no urbanismo. “Os situacionistas [...] queriam provocar a revolução e pretendiam usar a arquitetura e o ambiente urbano em geral para induzir à participação, para contribuir nessa revolução da vida cotidiana contra a alienação e a passividade da sociedade” (Jacques, 2003, p. 19).

No capítulo seguinte, apresentaremos outros intercessores conceituais considerados peças-chave dessas experimentações, compreendendo a cartografia dos conceitos. Depois, os relatos dos encontros e suas articulações e, por fim, uma visão geral dessa experimentação e suas implicações.

## 2 CARTOGRAFIA DOS CONCEITOS

Os intercessores conceituais que funcionam nessa cartografia produzem ressonâncias quando, nas supervisões clínicas, tangenciávamos questões a respeito de fazeres, saberes e suas implicações; ou quando percebíamos como a rua poderia trazer surpresas e abrir outras possibilidades de encontros na clínica do Acompanhamento Terapêutico. Assim, os conceitos “são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades...” (Deleuze, 1998, p. 12) e, sob esse aspecto compõem as derivas.

Rolnik (1997) nos apresenta o Acompanhamento Terapêutico aberto às forças do Fora, denominando essa prática de clínica nômade e considerando as relações de força nos fazeres do Acompanhamento Terapêutico. A autora faz essa apresentação por meio do percurso de formação de um acompanhante terapêutico “virtual”, que começa nos espaços concretos, mas não se reduz a eles, até chegar naquilo que está para além das “espacialidades”, isto é, o Fora ou as forças do Fora. Para se entender tais afirmações, abordaremos o conceito de Força.

Em Deleuze (2006), a força somente existe ao se relacionar com outra força. Tal relação constitui os corpos biológicos, químicos, sociais, políticos, clínicos. Com isso, temos que um objeto, um fenômeno muda de sentido de acordo com as relações de força que se apropriam deles.

As forças são exercidas ou se exercem num processo de afetação, já que são definidas por seu poder de afetar (e serem) afetadas por outras forças, constituindo ação sobre ação. Assim, “... incitar, induzir, ampliar, abrir, desviar, produzir, constituem afetos ativos; e ser incitado, suscitado... afetos reativos” (Deleuze, 2006, p.79). Ainda podemos acrescentar que as forças ativas aumentam o desejo e a capacidade de criar, enquanto as forças reativas diminuem o

desejo e a capacidade de criar. A distinção e a relação de forças se afirmam ao acaso; não há equilíbrio possível, uma meta ou finalidade a ser alcançada (Deleuze, 1976).

Rolnik (1997) aponta que o acompanhante terapêutico entra em cena no movimento antimanicomial, se sustentando pela característica “circular nas adjacências dos vários territórios de saúde mental, ocupando os espaços vazios que existem entre eles” (p. 84). Aqui, territórios são entendidos como campos de saberes e práticas produzidos e institucionalizados pelas várias abordagens da psicologia e psiquiatria com seus consultórios, ambulatórios, equipes multiprofissionais, clínicas e *settings* específicos.

O acompanhante terapêutico utiliza “elementos [destas] várias paisagens pelas quais circula” (Rolnik, 1997, p.85), mas no seu nomadismo, tais territórios vão se mostrando insuficientes, sendo necessário então criar outros, para além e aquém daqueles com seus contornos exclusivamente espaciais. O acompanhante então se desloca entre as paisagens:

De modo a explorar o interno e o externo para além de uma perspectiva meramente espacial. Para não se confundir, usará os termos dentro e fora [sendo que] o Fora de que está tentando se aproximar é um aquém e além dos contornos visíveis e invisíveis do mundo objetivo e subjetivo, mas também não está fora do mundo, fazendo parte do mesmo (Rolnik, 1997, p. 85).

Nesse contexto, percebe-se que:

A estabilidade dos espaços é ilusória, [assim] agitam-se forças de toda espécie que compõem os ambientes de que é feita cada paisagem, inclusive subjetiva – forças do ambiente econômico, político, artístico, sexual, social, informático, etc... Assim, com seu deslocamento para a fronteira, entram em jogo [na prática do Acompanhamento Terapêutico], inclusive... ambientes que não costumavam integrar o território clínico [trazendo assim] forças inéditas, formando uma série de relações desconhecidas (Rolnik, 1997, pp. 85-86).

O Fora é essa mistura de forças, composições inéditas que desestabilizam contornos e exigem outros modos de funcionamento. O Fora “nada tem a ver com o espaço; ao contrário, processo incessante de hibridações decorrente da mistura de forças... produzindo mutações” (Rolnik, 1997, p. 86).

Desse modo, não bastaria que houvesse uma rua lá fora na qual se pudesse fazer uma saída ou um passeio, mas sim que a rua fosse um Fora, “rua do Fora” ou o “Fora da rua”, para além e aquém de qualquer rua concreta, enfim, a rua como força do Fora, conjugando outras forças e, conseqüentemente, outra clínica.

Assim, se a rua possibilita um contorno ou um lugar para o Acompanhamento Terapêutico, é justamente para que esses contorno e lugar possam ser transbordados em favor de um lugar porvir, uma outra deriva; assim como pode acontecer com os conceitos que dão algum contorno para o pensamento e, em seguida, são transbordados, novamente nos afetando e provocando o pensamento à criação de novos conceitos.

O Acompanhamento Terapêutico aberto às forças do Fora funciona como um dispositivo ou agenciamento, se constituindo como um território, num processo de agenciamento, agenciando ou agenciado nessas composições de força. Vamos ver a relação entre Força e agenciamento a partir do livro *Foucault*, no qual Deleuze (2006) aborda as questões das relações de forças que, segundo ele, estavam sendo trabalhadas por Foucault em suas obras.

Para falar disso, primeiro apontamos que os efeitos da relação de poder (conjunto das relações de força) correspondem a estratégias, disposições, manobras, ações, técnicas, táticas e funcionamentos. Assim, as relações de força não se localizam, não tem alguém, alguma coisa, instituição que seja proprietária do poder, já que esses são efeitos de “uma engrenagem e de focos que se situam num nível diferente e que constituem uma ‘microfísica’” (Deleuze, 2006, p. 35).

As relações de força têm como característica a imanência, isto é, não ter essência, mas ser operatório ou ser exercido, “... a relação de poder se insere em todo lugar onde existem singularidades, ainda que minúsculas, relações de forças como discussões de vizinhos, brigas

de pais e crianças, desentendimentos de casais, excessos alcoólicos e sexuais, rixas públicas... e paixões secretas” (Deleuze, 2006, p. 38).

Uma relação de poder é ação sobre ação, produz realidade e verdade, de modo que, para que isso aconteça, supõe-se um agenciamento ou um dispositivo pelo qual possam operar. De outro modo, um agenciamento ou dispositivo é a forma positiva de uma força, sendo que as forças são imanentes ao próprio agenciamento. “A forma diz-se em dois sentidos: ela forma ou organiza matérias; ela forma ou finaliza funções, dá a ela objetivos” (Deleuze, 2006, p. 43), por exemplo, as escolas e hospitais são matérias formadas; educar e cuidar são funções formalizadas.

Deleuze (2006) pergunta: “apesar de que as duas formas são irreduzíveis, como explicar a coadaptação?” E, a seguir, dá um exemplo de como Foucault define o Panoptismo:

Ora ele o faz concretamente, como um agenciamento óptico que caracteriza a prisão, ora abstratamente, como uma máquina que não apenas se aplica a uma matéria visível, mas atravessa geralmente todas as funções enunciáveis. A fórmula abstrata do Panoptismo não é mais então “ver sem ser visto”, mas impor uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana qualquer (p.43).

Sendo assim, o “dispositivo panóptico é uma maneira de fazer funcionar as relações de poder numa função, e uma função através das relações de poder” (Deleuze, 2006, p. 46).

Foucault chamou a dimensão informe ou abstrata de diagrama, o que Deleuze intitula, até então, de máquina abstrata. Esta, por sua vez, se refere a matérias não-formadas, não-organizadas e funções não-formalizadas, não-finalizadas. Tal dimensão informe destaca-se de qualquer uso específico; é uma máquina comportando muitas funções e matérias diagramáticas (Deleuze, 2006).

Essa “máquina abstrata é como causa [imane] dos agenciamentos concretos, que efetuam suas relações, sendo que estas relações...” (Deleuze, 2006, p.46) não passam por cima, de lado, num além ou aquém qualquer, mas constituem o próprio tecido dos

agenciamentos que produzem. Destacamos então duas instâncias que nos interessam: o lado de Fora, informe, em que as forças entram em relação; e o exterior, como meio dos agenciamentos concretos que atualizam as relações de força (Deleuze, 2006).

Uma causa imanente se atualiza em seus efeitos, se integra e se diferencia em seus efeitos, “por isso há correlação, pressuposição recíproca entre a causa e o efeito, entre a máquina abstrata e os agenciamentos concretos [dispositivos]” (Deleuze, 2006, p. 46). Podemos dizer que as relações de força são virtualidades, possibilidades, potências que ainda não entraram num regime óptico, macroscópico, capaz de lhes dar forma (Deleuze, 2006).

A atualização e a integração são também uma diferenciação, pois a multiplicidade de forças diagramáticas, o diferencial das forças não pode se atualizar, a não ser por caminhos diferentes, isto é, repartindo-se em dualismos “seguindo linhas de diferenciação sem as quais tudo ficaria na dispersão de uma causa não-efetuada” (Deleuze, 2006, p. 47).

De fato, as relações de força atualizada e concretizada formam grandes dualidades: forma de expressão e de conteúdo, forma discursiva e não-discursiva, forma do visível e do enunciável. Entre o visível e o enunciável, entre o ver e o falar, entre as palavras e coisas, há uma disjunção, uma abertura, o “não-lugar” em que penetra o diagrama informal para se encarnar nas duas direções necessariamente divergentes, diferenciadas, irreduzíveis uma à outra.

A dualidade das formas e formações não exclui uma causa comum imanente que opera no informe. Tal causa, em cada dispositivo concreto, não para de influenciar por entre as duas formas, mesmo que elas sejam irreduzíveis. Deleuze (2006) diz que Foucault quer justamente, na sua obra (*Vigiar e Punir*), ultrapassar o dualismo aparente dos livros precedentes. Assim, as relações de forças agem transversalmente, uma vez que não têm correspondência biunívoca nas formações, e encontram, na dualidade das formas, a condição para ação e atualização.

Pontuamos que as máquinas concretas são os agenciamentos, os dispositivos biformes; a máquina abstrata é o diagrama informe, as relações de força. Máquina abstrata e agenciamentos concretos constituem polos, em que se passa de um para outro, isto é, eles se comunicam, seja em menor ou maior grau. “Cada agenciamento efetua a máquina abstrata, em maior ou menor grau como se houvesse coeficientes de efetuação do diagrama” (Deleuze, 2006, p. 50), quanto mais alto o grau, maior comunicação, e vice-versa.

Cada agenciamento se comunica na máquina abstrata, o que lhes confere uma segmentaridade (mais dura) ou uma microsegmentaridade (mais flexível, difusa) de acordo com o grau menor ou maior, respectivamente, dessa comunicação. Tal coeficiente varia de um agenciamento a outro, assim como dentro do próprio agenciamento.

Acrescentamos ainda que o agenciamento possui dois polos: o estratificado dos agenciamentos, considerado molar, ou também chamado territorializado, com agenciamentos sociais que possuem códigos específicos e funcionamento estável e reprodutor, modelando existências segundo esses códigos e restringindo o campo do desejo; e a máquina abstrata, molecular, descodificada ou desterritorializada que carrega novas criações em potência.

Os dois movimentos – territorialização, desterritorialização – coexistem no mesmo agenciamento, indo de um para o outro, mas não se valem, nem se compensam e não são simétricos. Nesse sentido, há uma reterritorialização que se faz constantemente e que:

Dá determinado termo ao devir, determinada efetuação ao acontecimento, determinado indicativo ao tempo... , mas desterritorialização simultânea [que] libera códigos... carrega estados de coisas e enunciados numa linha de fuga,... eleva o tempo ao infinitivo, extrai um devir que já não tem termo, porque cada termo é uma parada que precisa saltar (Deleuze, 1998, p. 59).

Trata-se do acontecimento, efeito do encontro intensivo dos corpos, a passagem de um estado de coisas a outro, que não se reduz à sua efetuação espaço-temporal, mas é também a

expressão dessa passagem. Acontecimento é o sentido expresso da passagem de um estado de coisas a outro (Deleuze, 2009).

Por conseguinte, o acontecimento compreende um regime intensivo de afetos e sensações e revela mudanças nas relações de força, altera as linhas de força dos corpos. Afeto é a variação de potência pela qual um corpo passa quando afetado por outro nos encontros intensivos. “Não é um sentimento pessoal, nem característica, ele é a efetuação de uma potência... que subleva e faz vacilar o eu” (Deleuze & Guattari, 1997a, p. 21).

Segundo Deleuze e Guattari (1996), tudo é uma questão de linhas, trajetos e devires; por isso, a cartografia compõe mapas extensivos e intensivos. As linhas formam territórios e podem ser duras, compreendendo um território cristalizado; flexíveis, permitindo certa movência; ou, ainda, de fuga, envolvidas no processo de desterritorialização e devires. Ainda em relação às linhas, temos que:

Indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. São linhas que nos compõem, diríamos três espécies de linhas. Ou, antes, conjuntos de linhas, pois cada espécie é múltipla... algumas nos são postas de fora... outras nascem um pouco por acaso... outras devem ser traçadas, inventadas [temos também as linhas de fuga] Mas, também aí, é todo um conjunto de linhas muito diversas: a linha de fuga de crianças que saem da escola correndo não é a mesma que a de manifestantes perseguidos pela polícia, nem a de um prisioneiro que foge. Linhas de fuga de animais diferentes: cada espécie, cada indivíduo tem as suas... . E isso não vale somente para os passeios, há também mapas de percepções, mapas de gestos (cozinhar ou recolher madeira), com gestos costumeiros e gestos erráticos... É uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra (Deleuze & Guattari, 1996, p. 76).

Sendo assim, no Acompanhamento Terapêutico temos linhas de um processo de desterritorialização-territorialização que tentamos mapear nessas cartografias. São os acontecimentos, as singularidades do Acompanhamento Terapêutico que nos surpreendem, nos fazem hesitar, sair, repousar, andar, estranhar, dançar, delirar. Enfim, a cartografia aponta

linhas de composição da experiência, não indicando apenas impasses, mas privilegiando linhas flexíveis e de fuga que indicam um potencial para a mudança.

Nesse contexto, a experimentação compreende uma *performance* que implica num movimento através, em intensidade; diz respeito, ainda, a uma abertura para mudança, tendo a experiência como criação, em que não há mundo dado, sujeitos ou objetos pré-fixados. Nesse sentido, abre-se mão de uma competência ou experiência que hierarquiza, categoriza ou classifica; da interpretação de um mundo que seria pré-existente; ou de uma intervenção certa, na hora certa, com a palavra certa (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009).

Assim, o mapa é uma questão de performance, e não de “competência”: faz parte do rizoma, é aberto, conectável, possui múltiplas entradas, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Para Deleuze e Guattari (1995), todo rizoma:

Compreende linhas de segmentariedade... segundo as quais ele é territorializado, mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há uma ruptura no rizoma toda vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de remeter umas as outras (Deleuze & Guattari, 1995a, p. 18).

A experimentação no Acompanhamento Terapêutico opera sobre esse plano e consiste em se instalar num território; experimentar as oportunidades oferecidas por ele; buscar aí um lugar favorável, os aliados, os eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fugas possíveis; vivenciá-las; assegurar conjunções de fluxos aqui e ali; experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidade e ter sempre um pedaço de uma nova terra, um novo território (Deleuze & Guattari, 1996).

Nessas experimentações, faz-se necessária certa prudência para que a desterritorialização não seja brutal, a fim de que não se perca no turbilhão dos fluxos e se destruam todos os estratos e territórios. Sendo assim, é necessário manter uma relação com os estratos, um plano a partir do qual se possa experimentar (Deleuze & Guattari, 1996).

Dito isso, seguem-se os relatos e as derivas, compreendendo os encontros e seus enredamentos no Acompanhamento Terapêutico, de modo que, sendo uma cartografia, “não se trata da busca de uma origem, mas de uma avaliação de deslocamentos” (Deleuze, 1997, p. 75).

### 3 ENTRADAS E SAÍDAS, ENCONTROS E DEVIRES

No Acompanhamento Terapêutico, tendo como referência o paradigma ético-estético-político da cartografia, temos vários lugares de partilha do cotidiano, de trocas com o mundo, enfim, os lugares em que se dão os processos de criação/produção e a ética de querer, buscar e afirmar o acontecimento. Lugares agenciados e acontecimentos que fazem proliferar outros lugares, compreendendo um “balé dos lugares<sup>7</sup>” e a poesia do cotidiano proporcionados pelas derivas.

Cabe dizer que o balé ao qual nos referimos é aquele dado pela etimologia da palavra. Balé tem sua origem na palavra italiana *Balletto*, diminutivo de *Ballo* (dança), que vem do latim *Ballare* e significa dançar que, por sua vez, se origina do grego *Ballizo*, que significa “dançar, saltar sobre”. Isso para distinguir do estilo de dança chamado balé, altamente técnico, composto de movimentos rigorosos e precisos.

Em relação aos encontros, Palombini (2006) ressalta que, no Acompanhamento Terapêutico, tem-se uma disponibilidade por parte dos dois envolvidos e, a partir daí, corre-se o risco, que pode ser o risco de aparentemente não dar certo, de não dar em nada, ou mesmo o contrário disso. Tal disponibilidade é abertura para o inesperado e o desconhecido, e é de onde pode surgir algo inusitado. Trata-se aqui de não retraindo a deriva, mas seguir adiante nas pistas indicadas pelo acompanhado.

Para Pelbart (2009), uma relação com o desconhecido é um modo de se relacionar com o Fora, sendo que desconhecido não quer dizer que algo será desvelado, descoberto, encontrado ou conhecido por meio de técnicas científicas e objetivas. Essa relação com o desconhecido se

---

<sup>7</sup> A expressão balé dos lugares tem como uma de suas inspirações o balé-do-corpo e as rotinas espaço-temporais que compõem o balé-do-lugar. Balé-do-corpo são os gestos, passos, itinerários e movimentos que fazem parte de uma tarefa qualquer, como lavar pratos. A rotina espaço-temporal incorpora o balé-do-corpo e envolve atividades como levantar da cama ou caminhar para algum lugar. Mello, J. B. F. (2012). O Triunfo do Lugar Sobre o Espaço. In: E. Marandola Jr, W. Holzer, Lívia O. (Orgs), *Qual o Espaço do Lugar?* São Paulo, SP: Perspectiva.

caracteriza por uma disponibilidade para a surpresa, a ignorância. É uma abertura para o estranho, uma relação com o outro enquanto estranho, como uma força do Fora, uma “radical alteridade pela qual, entre ele e eu, há uma interrupção de ser; nem outro eu, nem outra existência, nem outra modalidade, nem deus – simplesmente o desconhecido” (Pelbart, 2009, p. 87).

Nesse Acompanhamento Terapêutico, num primeiro momento, tínhamos a recusa de Pedro em ir ao CAPS-ad, a demanda daquela instituição, a preocupação da mãe quanto às saídas, o isolamento do acompanhado no quarto. Pedro considerava ainda que não precisava mais do CAPS-ad, mas parecia estar recluso em casa e sem muito interesse em fazer qualquer coisa.

Quais devires estariam fervilhando diante dessa situação? Que agenciamentos poderiam ser feitos? Tendo isso em mente, a postura era apostar no devir da/e nas saídas, abrir-se para a deriva, colocando de lado as certezas, incertezas e os questionamentos, sugerindo ao acompanhado alguma coisa, ou às vezes nada. Entretanto, sempre nos colocávamos à disposição.

Como dissemos no relato iniciado na introdução, Pedro nos surpreendeu já no primeiro encontro, dispendo-se a sair e logo percebemos uma diferença, uma abertura quando conversamos agachados na calçada. Nessa cena, tivemos uma velocidade seguida de uma parada, uma aparente pressa, suposta urgência do tempo para a sua suspensão em seguida, e é nesse tipo de intervalo, de hiato, de passagem de um estado a outro que se abre uma viagem, um devir, uma deriva que acreditamos nos levar do frenesi dos espaços urbanos em que estávamos, para uma calma da roça, uma prosa entre dois “roceiros”, de cócoras, mergulhados em reminiscências, compartilhando-as ou não.

É a partir desse bloco de espaço-tempo, desse devir-infância é que acreditamos que se tenha inaugurado um laço de cumplicidade do acompanhante com o acompanhado, parecendo que algo similar também ocorreu com ele. As suspensões e os trânsitos entre lugares, entre corpos são de grande importância nas andanças feitas no Acompanhamento Terapêutico.

Mas, no encontro seguinte, a irmã do acompanhado já havia arrumado um móvel para ele e pensei que isso seria um motivo a menos para sairmos; logo, sugeri que fizéssemos algo, deixando que ele resolvesse o que seria feito. Ele respondeu que poderia ser o que eu quisesse, mas logo completou chamando para darmos uma volta. Primeiro, ao sairmos pelo portão, sugeri que fizéssemos um caminho diferente do encontro anterior. Ele concordou sem palavras, apenas tomando a direção que apontei. Descemos a rua e depois subimos outra, como contornando o quarteirão. Quando mais à frente ele virou à esquerda em direção ao caminho de volta para casa, chamei para seguir em frente e conhecermos outra parte do bairro.

Assim seguimos e, após dois quarteirões, ele tomou a frente da caminhada literalmente e começou a procurar por algo que não estava bem explícito de início. Em cada loja ele fazia uma parada, olhava o letreiro e o interior, depois passava para o próximo estabelecimento. Não perguntei nada sobre o que procurava, mas, na sequência, enquanto conversávamos sobre as lojas, ele revelou que estava tentando encontrar um lugar para comprar material elétrico, com o intuito de instalar uma tomada para o computador; assim, passamos a procurar juntos.

Continuamos a andar, e ele estava a um passo a frente. Algumas ruas depois, fiz menção de voltarmos, já que não encontramos a loja, mas ele pediu que seguíssemos até outro estabelecimento, uns dois quarteirões mais à frente – era uma loja de material de construção.

Entramos na loja, ele me passou um pedaço de papel que estava em sua carteira. Era uma lista de coisas para pedir à vendedora. Uma moça nos atendeu e falei para ela o que

procurávamos. Ela me mostrou a tomada e a repassei para ele ver se era aquilo mesmo; ele disse que não era aquela. Na verdade, eu não sabia se ele queria uma tomada para fazer a instalação ou queria um adaptador de tomada; então, perguntei e ele respondeu que queria o material para fazer instalação. A moça mostrou outro tipo de tomada, e deixei que ele mesmo pegasse direto na mão dela. Ele disse que era aquele mesmo e que faltavam apenas algumas buchas para os parafusos; logo, ela pegou duas buchas e passou para ele. Solicitei o fio esperamos alguns minutos. No final, ele fez o pagamento no caixa e saímos. Assim, encontramos naquela loja os materiais que ele queria e dos quais já tinha uma lista no bolso.

No encontro seguinte, Pedro, pela primeira vez, me chamou para o quarto. Luz apagada e janela fechada, uma caixa cheia de “bitucas” de cigarros, um tapete, cama de casal, um quadro em preto e branco em cima do guarda-roupa. Não havia a mesa do computador. Havia algumas caixas de papelão colocadas ao lado do guarda-roupa com algumas roupas de cama em cima e, num *rack* atrás da cama, uma televisão e o computador, que ele havia ligado, mas não estava conseguindo sair de uma tela de boas-vindas. Perguntei a ele que tela era aquela, mas ele não soube responder.

Ele disse: “este é o computador, mas não sei mexer direito. Se souber mexer, pode mexer”, e começou a me falar das músicas que estava ouvindo antes. Tentou acessar o *player* para escutá-las novamente, mas não conseguiu encontrar a pasta em que elas estavam armazenadas. Então, começou a clicar aleatoriamente nas pastas, abrindo várias janelas ao mesmo tempo.

Tentei ajudar, mas por fim não encontrei a pasta, e por isso não conseguimos ouvir nenhuma música. O quarto estava todo fechado e o cheiro de cigarro muito forte começava a me incomodar, mais ainda porque ele começara a fumar novamente; no entanto, ele abriu a janela, explicando que era para sair a fumaça do cigarro.

Expliquei que poderíamos encontrar as músicas de modo mais fácil se as colocássemos num lugar específico, e perguntei para ele se eu poderia inserir algumas canções que tinha levado no *pendrive*, já pensando no computador. Ele respondeu que sim e, então, mostrei para ele a forma de acessá-las para ouvir no PC<sup>8</sup>. Procurei mostrar também algumas ações básicas do funcionamento da máquina.

Depois disso fomos para a sala. Começamos a falar sobre as músicas do Raul Seixas que estavam sendo tocadas, mas ele só respondia por monossílabos e depois ficou calado, pensativo. Procurou o cinzeiro e acendeu mais um cigarro. Fumava bastante; um cigarro atrás do outro. Perguntei se ele havia pensado em fazer algo naquele dia ou se queria sair. Ele disse que queria ficar em casa mesmo e que, no dia seguinte, poderíamos sair, e após isso, preponderou um silêncio no ar.

Minutos depois ele iniciou uma conversa perguntando sobre o CAPS-ad. Questionou se eu havia ido lá, se conhecia cicrano ou beltrano e, no decorrer da conversação, contou que a psicose começara com zumbidos na sua cabeça, como se fosse uma televisão, quando se tenta sintonizar um canal. Depois disso, as vozes vinham como telepatia. O governo, os maçons e outros falavam na cabeça dele. O problema das vozes, conforme explicou, foi “sacanagem dos maçons”, “os maçons que colocaram”. Contou ainda que, quando veio para Uberlândia e, quando estava internado no hospital, o “além-carlos” se apossou do lado esquerdo do corpo dele, e tudo que esse lado fazia ou falava, o direito repetia. Perguntei sobre como ele estava se sentindo ultimamente. Ele disse que estava mais tranquilo e que não havia mais vozes na boca, apenas na cabeça. Perguntei sobre os pensamentos e o que as vozes diziam. Falavam de

---

<sup>8</sup> PC: *personal computer*, ou computador pessoal. Este será um dos modos pelos quais denominaremos o computador. Além disso, usaremos como sinônimo a palavra ‘máquina’, outro termo também muito comum.

tudo: da polícia, do governo do estado e do dinheiro que ele teria de receber como indenização por ter perdido o emprego.

Contou como a psicose atrapalhou o trabalho dele, pois as vozes falando pela boca faziam com que ficasse cansado e não dormisse direito, e como o trabalho era pesado, não conseguia cumprir suas obrigações. Contou ainda que “eles” lhe deviam indenizações. Pensei que estivesse falando do empregador, mas ele começou a explicar: “eles estão no quartel, na marinha e na aeronáutica, no Delta 1, Delta 2, Delta 3 e Delta 4”, ressaltando que são “forças da aeronáutica”. Contou que esse era o segredo dos maçons. Ele fazia o cálculo do valor da indenização, levando em conta o salário que recebia por hora, por mês e pelos anos que estava parado.

Na sequência dos encontros, Pedro frequentemente pedia que eu o ajudasse a configurar o computador, pois ele havia feito algumas alterações que dificultavam o uso. Pedro começara a interagir com o PC de modo meio confuso, que consistia em clicar aleatoriamente, colocar inúmeros ícones na tela, abrir várias janelas de programas ao mesmo tempo, apagar alguns arquivos. Fazia tudo aparentemente aleatório, mas era como se estivesse tentando fazer alguma coisa funcionar na tela.

Enquanto o ajudava, reconfigurando e dando dicas, ele observava. Propus então que ele fizesse aulas de informática, mas ele se recusou e disse que aprenderia sozinho mesmo, como já estava fazendo. Num primeiro momento, tomar aulas de informática pareceu ser uma boa atividade e estratégia terapêutica. O ambiente de aprendizado seria uma forma de Pedro entrar em contato com as pessoas, com saberes e práticas e ampliar sua rede de contatos. Entretanto, ele preferia não fazer isso, não da forma como supúnhamos ou como geralmente se espera.

Essa surpresa que tivemos diante do fato de Pedro querer usar um computador e a frustração de ele não se dispor a fazer aulas, assim como nas surpresas das saídas iniciais,

provocaram em mim um certo deslocamento, dúvidas e um desconhecimento sobre o que poderia acontecer nesse processo.

Em uma das vezes que nos encontramos, enquanto dava dicas sobre o computador, falei para Pedro que ele também poderia assistir a filmes; então, ele mostrou os “pornôs” que tinha. Conversamos sobre filmes, dos que gostávamos e dos que não gostávamos. Aproveitando a ocasião, perguntei sobre as namoradas; ele disse que não tinha como ter, pois seus dentes estavam quebrados. Aproveitando essa oportunidade que surgiu, propus que fôssemos ao dentista, coisa que ele já havia se negado a fazer com a irmã ou sozinho. Em outras situações que apareceram, pudemos assistir a um filme do Bruce Lee, do qual ele dissera que gostava e que, posteriormente, pediu para o cunhado comprar.

Em outra vez, enquanto ouvíamos uma música, ele me explicava o que significava cada mudança no padrão da animação do *player* (programa para tocar músicas no computador). Falava várias coisas que eu não conseguia entender ao certo, mas uma que se destacou foi o símbolo que ele apontava e chamava “Delta 4”, relacionado às forças militares das quais ele era agente secreto. Isso ele contou posteriormente, em tom de segredo, quando saímos para buscar a máquina numa loja de manutenção. Ele dizia que era o único agente secreto dessas forças aqui no Brasil.

Noutro encontro, quando cheguei, perguntei como tinha sido a semana, se estava bem, o que fizera e, para minha surpresa, ele falou que havia dado umas voltas pelo bairro, havia ido “até lá em cima, naquele triângulo”, alguns quarteirões acima da casa dele. Para quem supostamente não saía, consideramos esse fato um bom sinal; afinal, ele estava circulando mais e tendo maiores chances de fazer encontros com o outro e o mundo. Perguntei sobre o que mais havia feito; ele falou que ficou em casa e havia “mexido” no computador.

Em um encontro posterior, Pedro sugeriu que fôssemos para fora de sua residência, enquanto sua sobrinha terminava a limpeza da casa. Ficamos na área da garagem do condomínio. Ele se agachou e eu fiquei em pé. Ele perguntou se eu tinha ido ao CAPS-ad. Conteí que sim e, aproveitando o desenvolvimento da conversa, perguntei se ele já conhecia algum CAPS naquela região; ele disse que não. Perguntei se não haveria algum posto de saúde; mesma resposta. Expliquei que, se houvesse um CAPS mais próximo, ficaria mais fácil para ele fazer a avaliação e/ou pegar o medicamento do qual precisava. Mas então, ele explicou que no CAPS-ad aonde ia, havia o “fulano, o cicrano e o beltrano”. Senti que ele mantinha certo apreço ou deferência pelas pessoas do CAPS-ad, mais especificamente em relação à psicóloga de referência e ao psiquiatra. Ele disse ainda: “não dá nada, não, meu cunhado trabalha perto do CAPS-ad e pode me levar lá quando eu precisar”.

Em vários encontros, passamos alguns momentos na área da garagem, que era coberta. Tínhamos sombra para dias de sol, podíamos ver o movimento da rua e conversar sobre as coisas que aconteciam na vizinhança, sobre os vizinhos, carros, a roça, as plantações, os animais selvagens ou de estimação, sobre a família, as doenças, os filmes etc. Acontecia sempre de nos agacharmos, às vezes, um após o outro, às vezes ele primeiro, às vezes eu, às vezes os dois de uma vez, e depois me assentava no chão quando cansava.

Num encontro seguinte, ele contou que a mãe falecera na quarta da semana anterior. Devido ao feriado prolongado, não tínhamos nos encontrado durante aqueles dias. Ele disse que estava bem, mas que “teria de passar por cima”. Perguntei se ele estava tranquilo; ele respondeu que sim e me perguntou como tinha sido meu feriado. Na continuidade da conversa, ele falou que queria ir ao dentista. Ele explicou que a irmã dele havia ligado no CAPS-ad e que deveríamos pegar um encaminhamento para o tratamento dentário.

Na semana posterior, fomos ao CAPS-ad pegar o encaminhamento para o dentista. Na volta para casa, Pedro perguntou se poderíamos passar no supermercado para comprar algumas coisas de casa; perguntou se daria tempo e explicou que seria somente quatorze itens. Pedro, às vezes, era rigoroso com os números, gostava de calcular quantias, horas, minutos, dias e anos; respondi que poderíamos ir. Ele me disse que havia um supermercado ali perto. Como eu não sabia localizá-lo, pedi para ele mostrar o caminho.

Procuramos por algumas ruas, mas não encontramos o estabelecimento. Falei que seria melhor irmos a um supermercado que já conhecêssemos, e fomos. Eu estava preocupado com o horário, pois tinha outro compromisso; teríamos de ser rápidos, não sabia se essa “história” de compras daria certo, uma vez que não estávamos acostumados a fazer compras e não tinha certeza se ele saberia o que estava fazendo. Poderíamos demorar muito, mas pensei que a experiência seria válida, e foi.

Chegamos ao mercado, pegamos um carrinho e saímos pelos corredores. Ele estava com a lista e foi na frente. Pedro atravessou o mercado procurando um detergente, mas não encontrou; então, pegou outra coisa e depois saiu para procurar outro produto. Foi aí que perguntei: “O que tem que pegar agora?”. Parecia que ele tinha os itens na memória e procurava pelo primeiro que lembrava – essa foi a minha impressão. Pedi para ver a lista e sugeri que procurássemos pela ordem e proximidade dos produtos nas gôndolas.

Sabão em quadro, sabão em pó e Bombril. Procurávamos pelo menor preço: ele me mostrava um, e eu, outro produto – arroz, açúcar, limão, tomate... Ele tentou tirar um saco plástico para as verduras, mas rasgou-o pela metade. Mostrei que tinha de rasgar na marca certa. Não achamos o repolho e ele se dirigiu a uma moça responsável pelo setor, perguntando se havia repolho. Ela disse para aguardar, pois iria repor o estoque. Até aqui, eu empurrava o carrinho e tentava descobrir o local de cada produto. Depois, ele pegou a direção e fomos

comprar a carne e, em seguida, fui à frente tentando achar onde estava o suco. Ele pegou um frasco e voltamos para pegar o repolho.

Fomos para o caixa mais vazio. Ele colocou o carrinho com as compras muito à frente, o que dificultava tirar os pacotes, já que o acesso ficava restrito ao lado mais alto pelo qual se empurra o carrinho; então, mostrei que seria melhor deixar o carrinho, para trás, com o intuito de tirar as mercadorias pela frente. Colocamos as compras na esteira, passei para o outro lado e as coloquei de volta no carrinho, ao passo que ele fazia o pagamento.

No caminho de volta, mostrei para ele a direção da Unidade Básica de Saúde (UBS) mais próxima do bairro dele e falei que poderíamos combinar de ir lá algum dia de manhã – a psicóloga para o qual fora encaminhado estaria lá somente nesse período do dia. Expliquei que, se ele achasse melhor, poderia ir com sua irmã. Chegamos à casa dele, descarregamos as compras, as colocamos na mesa e expliquei que já teria de ir.

Em outro dia, conforme havíamos combinado anteriormente, fomos ao dentista. Parecia que Pedro queria se esconder, tornar-se invisível no salão de espera de uma unidade de saúde. Tanta gente lá, tanto burburinho e um encolher-se, abaixar a cabeça e se colocar num canto, atrás de alguém, às vezes levantar a cabeça, olhar para os lados, e nem responder a uma mulher que também esperava e perguntava demais. Foi atendido em menos de cinco minutos por um dentista que falou que o caso não era para aquele serviço de saúde; era para ser encaminhado para outro lugar. Pedro saiu de lá andando rapidamente e, antes de entrar no carro, pediu para fumar um cigarro. Aguardei que ele fumasse e, então, voltamos para casa e combinamos de procurarmos outra via para o tratamento dentário.

Esses fragmentos mostram aquilo que nos chamou a atenção nos primeiros encontros: o jeito de Pedro lidar com os fatos do seu cotidiano, com a presença do acompanhante, como ele me recebia, sua disposição inicial, e, principalmente, as surpresas com as saídas para a rua.

A história da clínica do Acompanhamento Terapêutico é marcada pelas ruas desde seu início. Para Cassetari (1997), as ações terapêuticas realizadas poderiam acontecer em passeios, saídas e na convivência com o paciente e a família no seu ambiente de vida. Para esse autor, as ações do acompanhante terapêutico se orientam pelo fazer, junto com o acompanhado, a construção e apropriação da sua própria história.

Para Porto e Sereno (1991), o “fazer uma saída” constitui uma intervenção em que, numa saída para praças, parques, museus, lojas ou padarias, o acompanhado pode exercer algo de sua potencialidade e participe da realidade urbana, conectando-se com o mundo. Um “‘para onde vamos hoje?’ Ou ‘o que vamos fazer?’ Tornam-se ‘motores do encontro e da saída’” (p. 28).

Assim derivamos pelas ruas, andando sem uma direção certa ou mesmo numa procura incerta. E é “preciso ver, primeiramente, como seu percurso variado é já uma máquina minuciosa” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 12). O andar, agenciado, deriva e se produz como uma maquinação, uma intervenção, uma experimentação que se desdobra, contagiando outros espaços. A deriva é como um passeio esquizo em que se está:

Nas montanhas, sob a neve, com outros deuses ou sem deus algum, sem família, sem pai nem mãe, com a natureza [e] tudo compõe máquina. Máquinas celestes, as estrelas ou o arco-íris, máquinas alpinas que se acoplam ao seu corpo... ter sensibilidade para as rochas, os metais, para a água e as plantas. (Deleuze & Guattari, 2010, p. 12).

Nas saídas para encontrar uma loja de material de informática, Pedro me levou por caminhos que nem ele ou eu conhecia, derivando pelos bairros até encontrarmos tal estabelecimento. Assim, por um lado, as ruas da cidade e por outro, a clínica, se entrecruzam, ziguezagueiam, tornam-se lugares de encontros e surpresas, de caminhos prontos, inventados, reinventados ou que serão produzidos no decorrer da própria caminhada.

Desse modo, começamos a compor territórios a partir dos encontros nas ruas, no mercado, nas lojas ou em casa, nas saídas, nas conversas, pelos gestos, tarefas conjuntas, movimentos do corpo, mudança de ritmos, alternância de lugares e um jogo de alternâncias em algumas atividades: sugerindo caminhos, lugares, deixando que ele sugerisse; levando ou deixando-o levar; apontando caminhos e deixando que ele levasse por outros; agachando, levantando; conversando ou ficando em silêncio; aproximações e distanciamentos.

Esses elementos marcam o início de um mundo. Para P. L. Buenoz (Comunicação pessoal, 18 de Março, 2013)<sup>9</sup> o encontro é que vai pedir o gesto e este, convocar uma presença que depois pedirá palavras ou não. É a permissão desses gestos que autoriza o exercício da potência e diz a Pedro que o encontro é dele. E com esses movimentos compomos um território com o acompanhado. O território é primeiramente a distância: marcamos as distâncias, inauguramos movimentos, posturas, silhuetas, passos e modo de relacionar. A distância não é uma medida, mas um ritmo em que estamos mais ou menos distantes ou combináveis (Deleuze & Guattari, 1997a).

Buscamos produzir um território menos estratificado e o mais flexível possível, em que o Acompanhamento Terapêutico deixasse de ser apenas um protocolo sob as demandas do CAPS-ad, um projeto terapêutico, ou apenas uma sugestão do acompanhante, e que Pedro pudesse se apropriar dos encontros e assim participar da sua construção e até da sua desconstrução.

Assim é no acompanhar na rua, na intermediação de uma compra, nas conversas, nos silêncios, na sala, no quarto, diante do computador ou no quintal; às vezes guiar, às vezes ser guiado por ele. Prezamos os encontros tendo em vista que uma diferença não fosse um

---

<sup>9</sup> Expressão artística e o universo da imaginação na infância – Palestra das Reuniões Abertas do GECLIPS – UFU – Uberlândia M.G.

obstáculo, uma lentidão não fosse vista como impotência, uma diferença de ritmos não fosse disritmia e os movimentos não tivessem sentido apenas pelo seu desfecho (Pelbart, 1993).

Temos então, relações de força que se efetuam nestes agenciamentos, nas mudanças de velocidade e ritmo, nas suspensões, nos trânsitos entre lugares, entre corpos, nas alternâncias de papéis e trajetos, em que contornos se esboçam, se desfazem, desviam, escapam, fogem por todos os lados, por entre lugares, tempos e para fora dos espaços e tempos institucionalizados da clínica, da família, da rua ou da informática.

Nessas derivas temos possibilidades que não estão em um ou em outro, mas que são dadas pelos encontros, na experimentação, pelo que acontece entre acompanhado e acompanhante. Uma abertura com função de produção existencial.

No seu dia a dia, Pedro continuava usando o computador à sua maneira. Assim, algumas dificuldades começaram a surgir, como problemas no som, mau funcionamento de aplicativos e até do próprio computador no geral. A cena em que nós nos revezamos no PC, tentando arrumar ou configurar a máquina, se repetiu por várias vezes. Em algumas delas, ele pedia que eu arrumasse o computador, ou que configurasse para ele; em outras, ele mesmo dizia que estava arrumando, então eu ficava olhando e tentando ajudar enquanto ele teclava aleatoriamente.

Mais uma vez, Pedro tomou a frente do processo, como fizera nas saídas e o Acompanhamento Terapêutico, em boa parte das ocasiões, passou a acontecer no quarto. Este estava frequentemente impregnado da fumaça de cigarro e, às vezes, com as janelas fechadas, o que tornava difícil a respiração, assim como segurar a tosse; diante disso, Pedro me dizia: “tô’ te enfumaçando aí?”. Algumas vezes ele abria a janela, em outras ficava na porta do quarto para a fumaça não incomodar ou fumava na sala e depois voltava para o quarto. Depois, em algumas oportunidades, quando a fumaça já sufocava, antecipava-me e já abria a

janela ou afastava a caixa-cinzeiro do qual escapava a fumaça de um cigarro recém-fumado, ou mesmo chamava para ir à sala, com o intuito de “sair” um pouco do cheiro de cigarro.

A deriva transborda das ruas e passa a ser feita no quarto, a partir do convite para ver o computador. Consideramos tal solicitação inaugural, importante dentro de nossos encontros, pois indicou uma confiança e hospitalidade com a qual Pedro me recebia. Em nossas conversas, ele colocava questionamentos e invenções a respeito do computador, de fazeres e de tantas outras coisas indizíveis como o silêncio. “Eis um modelo melhor do que o neurótico deitado no divã. Um pouco de ar livre, uma relação com o fora” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 12).

Nesse sentido, entendemos e estendemos a deriva das ruas e para além destas até outros elementos, por exemplo, deriva-se também na teoria do Acompanhamento Terapêutico, com seus saberes e fazeres que compõem os encontros; no tempo, no silêncio, na inspiração esquizo, numa filosofia de diferença, no delírio, nos pensamentos ou nos próprios cômodos de casa.

Na deriva, tendo o passeio esquizo como mote, podemos dizer que o acompanhante terapêutico coloca-se junto ao acompanhado, não sabendo, se aproximando, se afastando, dialogando, contando histórias, ouvindo histórias, cartografando, produzindo sentidos, cuidando, fazendo colagens com um mundo que vai sendo construído para os dois na relação e que transborda para outras dimensões relacionais, sejam elas sociais, econômicas, estéticas, éticas, enfim, uma (bri)colagem. A deriva está implicada na construção do território e na desterritorialização nesse Acompanhamento Terapêutico.

No computador, o modo como Pedro se colocava era instigante. Em algumas vezes teclava com força, procurava alguma tecla atentamente, olhava bem para ela e a pressionava com força, lentamente, diria cautelosamente. Depois voltava a olhar a tela, atento ao campo

que estava sendo preenchido. Outras vezes, enquanto usava o *mouse*, clicava aleatoriamente, ao nosso modo de ver, até descobrir quais botões abririam alguma janela ou acionariam algum aplicativo. Em outras vezes batia rapidamente e com mais força nas teclas, como se a ação dependesse da força aplicada e da velocidade. Durante esse processo, às vezes ele fumava entre uma ação e outra, dava uma tragada ou apenas segurava o cigarro na boca até que este fosse completamente consumido.

Ao observar Pedro no computador, tinha-se a impressão de que ele estava com muitas dificuldades para conseguir o que queria, mas insistia e se esforçava nos seus fazeres e na explicação que dava sobre aquilo que fazia. Então o ajudava, e seguia com ele nesse processo, tentando esclarecer de alguma forma ou incentivando a continuar as tentativas, pois podia ver nele um interesse e um esforço para fazer algo.

Numa das cenas, em que parecia que nada dava certo, ele fumava um cigarro após o outro e, depois de cada tragada, soltava fortes baforadas na tela. Parecia que estava em transe, fazia lembrar um pajé durante algum ritual; em outras ocasiões, ele se contentava a olhar para uma animação que mostrava o andamento de um processo (cópia ou remoção de arquivos), isto é, observava um retângulo sendo preenchido durante determinado tempo; parecíamos hipnotizados. Assim clicava em um botão específico para ver algum processo em andamento por meio dessa animação, o que para ele indicava que algo estava funcionando. Mais tarde passou a me dizer que isso acontecia quando ele montava placas no computador.

Essa estranheza, esse modo *sui generis* de Pedro utilizar a informática, além da incompatibilidade, num primeiro momento entre a clínica do Acompanhamento Terapêutico e o uso do computador, nos colocava numa série de relações desconhecidas e inéditas que tornavam os contornos dessas paisagens (Acompanhamento Terapêutico, informática, teorias,

esquizofrenia, espaços e tempos) indefiníveis frente aos contornos de clínica e informática que conhecíamos até então.

O movimento de Pedro, decidindo colocar o computador para funcionar e usá-lo sem ter nenhum conhecimento, sem fazer nenhum curso, aparece como uma novidade, e os problemas que surgiram a partir daí nos colocavam uma série de demandas, por exemplo, continuar incentivando ou não o uso do computador? Insistir em fazer saídas e se descolar um pouco da máquina? Fazer ou não o papel de técnico de informática, consertando o computador?

Então, ao acompanhá-lo nessa deriva, às vezes sem dizer nada, ou mesmo quando alertava que certos tipos de arquivos ou determinadas operações não podiam ser executadas, ou quando explicava sobre como funcionavam certos tipos de aplicativo ou a internet, ele parecia agregar essas informações ao seu modo singular e processual de fazer a máquina funcionar.

Nessa mistura aparentemente caótica, temos uma composição que se torna singular por suas características, cujo efeito desestabiliza os contornos por meio dos quais se reconhecem as coisas da clínica e da tecnologia. Cria-se a necessidade de produzir outro modo de funcionamento aberto a essas forças que se colocam, digamos, forças informáticas e relacionais (Rolnik, 1997).

Diante dessa experimentação, o computador começou a apresentar problemas mais complexos, de forma mais constante e bem difíceis de resolver, pois Pedro continuava clicando de forma aleatória, por vezes apagando alguns arquivos de funcionamento do sistema ou mudando e fazendo cópias de pastas do sistema. O acompanhado começou a usar o PC de forma compulsiva, passando boa parte da madrugada acordado e dormindo durante o dia, trocando a noite pelo dia e se enfumando no quarto, a fumar e a teclar.

Mas, nessas cartografias:

Os sintomas são como pássaros que batem o bico na janela. Não se trata de interpretá-los. Trata-se de detectar sua trajetória para ver se podem servir de indicadores de novos universos de referência suscetíveis de adquirirem uma consistência suficiente para revirar uma situação. (Deleuze, 1997, p.75).

Nos encontros, comecei a sentir dificuldades, pois o acompanhado passou a dormir de dia e não atender quando chegávamos de manhã – nas vezes que nos encontrávamos, quando pedia que eu o ajudasse, ele mal conseguia manter-se acordado e prestar atenção. Às vezes ele se deitava na cama e respondia somente por monossílabos sonolentos entre um cochilo e outro. Em outras oportunidades, o sono era tanto que ele mal conseguia manter os olhos abertos – sentado no sofá, ele começava a pender para os lados. Assim, combinamos outros dias e horários mais adequados para que pudéssemos nos encontrar, algo que passou a acontecer em algumas horas no período da tarde.

Continuávamos na tentativa de ajudar a resolver os problemas do computador, explicando para ele o que estava sendo feito. A irmã, cuidadora direta, começou a reclamar que Pedro dizia que estava na internet, mas ela sabia que não havia internet nenhuma e que ele não dormia direito por causa do PC. Ela disse que o computador trazia problemas e preocupações e que ela teria de levá-lo para consertar, mas não tinha tempo para isso. Referiu-se ainda ao comportamento compulsivo e estranho de Pedro, demonstrando preocupação com os delírios e o fato de ele falar e rir sozinho, às vezes. Ela parecia atribuir ao computador a causa da iminência de uma crise psicótica de Pedro.

Diante da angústia da irmã, procurei argumentar com ela que, embora estivesse acontecendo isso, ele estava aprendendo algumas coisas. Ele sabia usar a máquina de uma forma diferente, de uma maneira que era própria dele. Pedro parecia motivado a aprender muito mais, do jeito dele, no tempo dele e que seria preciso um pouco de paciência, mesmo que fosse necessário levar o computador ao técnico toda semana. A aposta era de que dali

germinavam processualidades e encontros inéditos que despotencializavam modos cronificantes e enclausurados de ser e estar no mundo.

Relatei para ela o que Pedro já conseguia fazer até então. Ela pareceu ficar menos ansiosa e terminou por narrar como o irmão era inteligente e como conseguira aprender a escrever bem, mesmo não concluindo as primeiras séries de ensino formal.

Fez-se necessário acolher e dar suporte à angústia da irmã diante da situação e do medo de uma crise iminente. Assim, foi possível garantir o acolhimento e o acompanhamento dos movimentos cibernéticos delirantes e não delirantes do acompanhado diante da máquina.

Nesse sentido, o que se tem articulado é um plano a partir do qual se aposta em algo de singular em Pedro. Logo, o modo como ele utilizava a máquina me levou a garantir, junto à irmã (mesmo sem sabê-lo, apenas intuindo, com todo o risco que isso implicava), que ele tinha condições de usar o computador, mas que seria necessário acolher o jeito e o tempo singular dele em fazer uso da máquina, sem fazer críticas, colocar limites ou menosprezá-lo, mas apostando em algo por vir, em agenciamentos possíveis.

A experimentação no Acompanhamento Terapêutico consiste em fisgar no contexto problemático algo que se delinea ao longo das errâncias, elementos que possam eventualmente funcionar como componentes dessas redes... fazendo a existência do louco bifurcar em novas direções, de modo que territórios de vida possam tomar consistência (Rolink, 1997, p. 91).

De outro modo:

Procura-se deixar impregnar pela atmosfera gerada no reboiço das forças, para farejar o aparecimento de agenciamentos virtuais; ao pressentir a possibilidade de uma construção, arriscar-se apontá-la mesmo sabendo que pode se enganar, pois não fazê-lo reitera o que provocou a doença – o fato do louco ser rodeado de um deserto afetivo... de descrença em sua capacidade de construção, partículas venenosas de desqualificação (Rolnik, 1997, p. 91).

Assim, no processo Pedro-computador-acompanhante, fazia-se necessário um desvio, uma saída de uma captura em torno de fluxos, tanto paranoicos de tutela disfarçada de

cuidado, quanto fluxos caóticos e compulsivos no uso da máquina, mas que não se sabia quando, nem como iria acontecer, e nem mesmo se iria acontecer.

Pedro, ao seu modo, continuava com as tentativas de utilizar o computador, desconfigurava-o e causava falhas no funcionamento e trocava o dia pela noite. Em um dos encontros, diante de problemas no funcionamento da máquina, tentávamos fazer com que o som do PC funcionasse. Detectei o problema e expliquei para Pedro que faltavam alguns *drivers*<sup>10</sup> para as caixas de som funcionarem de forma correta.

Não esperava o que quer que fosse a partir disso; pelo contrário, nas supervisões, já nos preocupávamos cada vez mais, e talvez fosse premente retirar o computador de Pedro. Todavia, para nossa surpresa, o problema dos *drivers* começou a fazer uma importante diferença naquela situação compulsiva, tensa e paralisante.

No encontro seguinte, ele me recebeu e disse que ainda não havia conseguido arrumar totalmente o computador, além de ter perguntado se eu não teria os *drivers* necessários para fazê-lo funcionar. Ele contou que já havia tentado saber como comprar, que havia ligado na loja onde o computador havia sido adquirido, mas disseram que não tinham o CD (*Compact Disc*) com os *drivers*.

Em outro dia, durante alguns minutos, tentamos instalar os *drivers* que eu havia baixado em casa, mas eles eram incompatíveis. Durante esse tempo, ele estava atento. Depois, saiu por alguns minutos, voltou em seguida, trazendo uma xícara de café e, gentilmente, nos serviu a bebida. Expliquei que não estava tendo sucesso na instalação, mas que iria tentar baixar outros *drivers* e pesquisar novamente na internet. Então, ele disse que iria ver se a vizinha que havia instalado o sistema operacional poderia reinstalar de novo para ele. Confesso que não dei crédito quando ele disse que tinha entrado em contato com a vizinha, já que ele se

---

<sup>10</sup> *Drivers* são programas necessários para que os dispositivos (hardware) funcionem, isto é, “conversem” com a placa-mãe e entre si, fazendo a conexão lógica entre os dispositivos do computador. Nesse caso, eram necessários *drivers* para o dispositivo de som.

mostrava uma pessoa bem retraída para tomar esse tipo de iniciativa... mas não é que ele fez isso mesmo?!

No entanto, mesmo com a reinstalação, não conseguimos arrumar o computador. No intervalo entre um encontro e outro, ele foi com a irmã à loja de manutenção e levaram a máquina para consertar; num outro dia, ele pediu que eu fosse com ele à loja para buscar o equipamento. Depois disso, ele disse que queria “instalar internet” no computador, e então saímos para comprar. Naquela oportunidade, ele negociou o *modem* mais adequado para suas necessidades, as características e os preços, conforme ele entendia e tinha avaliado por meio de um folheto comercial, de propagandas na TV e a partir de perguntas que fizera para o seu sobrinho.

Durante algum tempo, ele conseguiu usar o computador sem desconfigurá-lo, mas os problemas reapareceram. Em uma das vezes que nos encontramos, ele me disse que estava arrumando o computador, fomos para o quarto e então ele se assentou em frente à máquina, ligou e começou a apertar algumas teclas. Ele ressaltou que um vizinho estivera lá, que o havia ajudado e ensinado a entrar no sistema por meio de um disco de reparo.

Esse movimento de Pedro, em que ele se assentou e começou a fazer algumas coisas no computador, chamou a atenção. Na maioria das vezes, ele falava: “senta aí, você que sabe mais”. Dessa vez, ele mesmo se posicionou e começou a apertar as teclas até conseguir determinado resultado. Embora meio “compulsivo”, ligando e desligando o computador, apertando as teclas, tirando e colocando um CD, deixei que ficasse o tempo necessário, enquanto pedia para que ele me explicasse o que estava fazendo.

Em outro dia, ele me chamou para ver o computador, reiniciou a máquina, entrou na tela de escolha de perfis<sup>11</sup> e escolheu um perfil. O que me chamou a atenção é que a tela de perfil

---

11 Perfil: Pedro chamava de perfil as opções (ou os modos) de entrada no sistema operacional, por exemplo, modo normal, modo de segurança, que geralmente não aparecem no uso comum do computador.

não é o modo mais comum de iniciar o sistema operacional; isso é feito somente em caso de problemas no modo normal de iniciar o sistema.

Em um encontro seguinte, quando ele disse que estava baixando *drivers*, não acreditei muito, mas quando vi, para minha surpresa, por meio de um atalho da tela ele entrava em um site para *download*<sup>12</sup> de *drivers* e conseguia baixar arquivos. Observei, por alguns momentos, o que ele estava fazendo, enquanto me explicava que um sobrinho havia o ajudado a configurar o atalho para o site – ele chamou o atalho de “máquina de *drivers*”. Esses últimos relatos ilustram bem as singulares e criativas formas com que aconteciam os encontros de Pedro com o computador e o mundo da informática.

Nesses encontros, algo aconteceu por um efeito “*driver*”, e Pedro passou a se conectar de modo diferente com o computador, ao mesmo tempo em que, entre acompanhado e acompanhante, também se produzia um desvio – um novo arranjo se configurou, possibilidades virtuais se efetuavam e reverberavam nesse agenciamento. Trata-se de uma nova constelação de referências e possibilidades de encontro.

A procura por *drivers* nesses encontros compõe mudança e movimentos, gerando outros encontros, por meio dos quais Pedro sai para além daquele território que estava restrito ao quarto, ao cigarro e aos fantasmas persecutórios que o rondavam, para acessar um mundo virtual; articulando-se com esse mundo “real” criado e compartilhado por milhares e milhões que se denominam lúcidos e normais.

Destacamos, nessa experimentação, o que chamamos de “ritornelo informático” funcionando como um atrator. Guattari (2006) diz que o ritornelo “não se apoia em elementos de formas, de matéria, de significação comum, mas no destaque de um motivo (ou de

---

<sup>12</sup> *Download* é o processo de baixar arquivos via internet.

‘leitmov’) existencial se instaurando como um ‘atrator’ no seio do caos sensível e significacional” (p. 29). Para esse autor:

As mais heterogêneas dimensões podem ocorrer para a evolução positiva de um doente: as relações com o espaço arquitetônico, as relações econômicas, a cogestão entre [acompanhado e acompanhante], a apreensão de todas as ocasiões de abertura ao exterior, a exploração das “singularidades” eventuais, enfim, tudo o que contribui para a criação de uma relação autêntica com o outro (Guattari, 2006, pp. 17-18).

E com esses acontecimentos, então, temos um universo de referência que:

Não se trata de universos de referência em geral, mas de domínio de entidades incorporais que se detectam ao mesmo tempo em que são produzidos, e que se encontram o tempo todo presentes, desde o instante em que os produzimos. Eis aí o paradoxo próprio a esses universos: eles são dados no instante criador, como *hecceidade* e escapam ao tempo discursivo; são como focos de eternidade aninhados entre os instantes. Além disto, implicam a consideração não somente aos elementos da situação (familiar, sexual, conflitiva), mas também a projeção de todas as linhas de virtualidade, que se abrem a partir do acontecimento de seu surgimento (Guattari, 2006, p. 29).

Para ilustrarmos o que isso quer dizer, seguimos com um exemplo oferecido por Guattari (2006) na sequência da introdução dos conceitos de ritornelo, a respeito de uma pessoa com seus impasses e problemas:

Um dia [tal pessoa] faz a seguinte afirmação: “tenho vontade de retomar minhas aulas de direção, pois não dirijo há anos”; ou então; “tenho vontade de aprender a processar textos”. Trata-se de acontecimentos menores que poderiam passar despercebidos em uma concepção tradicional de análise. Mas não é de todo inconcebível que denomino de uma tal singularidade se torne uma chave, desencadeando um ritornelo complexo, que não apenas modificará o comportamento imediato do paciente, mas lhe abrirá novos campos de virtualidade. A saber, a retomada de contatos com pessoas que perdera de vista, a possibilidade de estabelecer a ligação com antigas paisagens (p. 30).

Podemos dizer que temos um ritornelo a partir do fato de o acompanhado querer usar um computador que foi agenciado, compondo tal bricolagem, em que se retiram ou desviam coisas de algum conjunto para outro, fazendo composições híbridas. Nelas, a informática fez parte de um dispositivo maquínico e teve utilidade técnica enquanto elemento intercessor, possibilitando e favorecendo processos maquínicos. Isso possibilitou uma conexão inusitada

entre o acompanhante, o acompanhado, a informática e o *socius* numa série de composições intensivas e singulares.

O termo maquínico é usado por Deleuze e Guattari (2010) para deslocar o pensamento dos modelos mecanicistas – com conexões progressivas entre termos dependentes – ou orgânicos, em que cada parte tem função específica a ser desempenhada. Assim, maquínico toma o sentido de um processo de produção feito a partir de partes heterogêneas, sem função específica ou pré-determinada, constituindo uma polivocidade das partes envolvidas; por conseguinte, cada elemento se liga a qualquer outro, assumindo funções diferentes tomadas na singularidade da produção.

Os arranjos maquínicos funcionam por si próprios, dispensando a ação de qualquer elemento transcendente ou de quaisquer tipos de princípio ou finalidade. Dessa maneira, a máquina jamais é uma metáfora da realidade, mas é a própria realidade em sua produção e processualidade (Deleuze & Guattari, 2010).

O processo maquínico, para Guattari & Rolnik (2010), remete ao agenciamento, que não é exatamente ato (analítico) ou intervenção, mas não quer dizer que não passe por aí:

A análise, para mim, tem de apreciar... a relação com a qualidade das coisas, com os ritmos do tempo; e aí podemos incluir também a relação com atos voluntários, com intervenções,... a relação com a chegada de maquinismos abstratos, de mutações de universos, que alteram inteiramente as condições de qualquer percepção (Guattari & Rolnik, 2010, p. 276).

O agenciamento pode comportar fluxos, dimensões territoriais e processos. Nesses termos, o processo maquínico diz respeito àquilo que, por meio dos elementos de singularidades, pode fazer surgir outros possíveis numa situação paralisada ou pré-determinada. A saída de um impasse implica que um processo de singularização pode surgir, criar flutuações produtoras, outro tipo de ordem, um movimento de mundo, uma metamorfose das formas. “O inconsciente se constitui exatamente no campo do possível de que este

agenciamento coletivo é portador, tendo a ver com o futuro e não com o passado” (Guattari & Rolnik, 2010, p. 281).

Nesse processo maquínico, fiz um contraponto junto ao acompanhado. Revezávamos diante da máquina a pedido dele ou eu mesmo pedia licença para usar; era como se alternássemos no leme desta viagem. Podemos dizer que o quarto era uma nave ou um mundo, o estranho mundo de Pedro.

Um quarto escuro, fechado e cheio de fumaça, em que a insistência da busca e o desejo de encontros no Acompanhamento Terapêutico possibilitaram uma abertura. Nesse entremeio, o computador serviu de intercessor dessa abertura e, em seguida, as janelas foram se abrindo, fazendo entrar um ar novo e permitindo uma curiosa passagem para os gatos. Depois, as portas da casa foram se abrindo, sendo possível a entrada de outro mundo, assim como as saídas para o mundo, e com isso, a criação de outros mundos.

Vale ressaltar a minha formação em ciências da computação, pois a informática foi um dos intercessores mais potentes no Acompanhamento Terapêutico. Com o agenciamento do computador, abriu-se uma série de possibilidades, a revelia do que poderia haver de finalidade no uso da máquina. Seja a suposta finalidade de um uso adequado, instituído, seja um suposto objetivo que Pedro pudesse ter ou ver; afinal, o computador veio a funcionar particularmente pelas avarias, interrupções e singularidades da relação dele com a máquina, de sua outra sensibilidade para navegar, construir/desconstruir, consertar e concertar.

Curiosamente, as palavras *driver*, *dever* e *deriva* vão se misturando, se embaralhando no discurso e na escrita, talvez por suas similitudes sonoras e gráficas, talvez um “brinquedo” com as palavras, como diria Manoel de Barros<sup>13</sup>. Nessa trama, Pedro começou a circular, a procurar e a fazer contatos em busca dos *drivers* num movimento cambiante, compondo uma

---

<sup>13</sup> Barros, M. (2001). *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro, RJ: Record.

produção que chamamos de *devir-driver*, em que ele amplia sua rede de conexões virtuais e atuais, reais, delirantes, também escapa e faz escapar delírios/dos delírios. Cria-se uma linha de fuga da letargia e da compulsão.

Nessa produção, Pedro passou a se colocar em maior contato com pessoas e lugares, prestar mais atenção à ajuda no manejo da máquina, começou a fazer mais coisas com o PC, como instalar programas, utilizar outros aplicativos, como os de desenho, e a entrar em contato com pessoas diferentes, como vendedores de artigos de informática, outros vizinhos, além de sair para procurar várias lojas de manutenção de informática nos bairros próximos.

Mas, em algum desses encontros, ficávamos sentados na sala (o computador estava na manutenção ou não funcionava). Às vezes, Pedro dizia que estava instalando algo no computador; ele ia para o quarto e voltava. Eu sugeria uma saída e ele dizia que não podia porque estava consertando o PC. Aquela situação de ficar apenas em casa ou diante da tela do computador o tempo todo também começava a incomodar, pois se repetia constantemente. Estaríamos os dois reféns daquela máquina? A casa ficava fechada e a fumaça tomava conta do ambiente, assim como havia um silêncio enigmático preocupante que dominava a cena.

Em alguns momentos de silêncio, Pedro se deitava num sofá e eu ficava em outro. Às vezes ele se deitava de costas para mim, outras, de frente, voltado para o meu lado. Ficava preocupado com o que dizer, se deveria ou não puxar conversa, se precisaria ir embora, se poderia ou não chamá-lo para sair. Algumas vezes eu perguntava coisas, por exemplo, como ele tinha passado o fim de semana, o que tinha feito, se havia saído para dar umas voltas ou se os parentes foram visitá-lo. Em outras ocasiões não perguntava, mas Pedro, após alguns momentos de silêncio, perguntava sobre como havia sido meu fim de semana, o que tinha feito, ou se havia saído. Dessas perguntas, passávamos a assuntos diversos ou voltávamos ao silêncio.

Depois de alguns encontros com essas características e amparados pelas supervisões, embarcamos na ideia do “estar com” e acolher o silêncio que assim não mais me angustiava bastante. Às vezes até procurava o que falar ou falava sem procurar nada e ficava em silêncio, compartilhando momentos do cotidiano com Pedro. Um novo modo de fazer a clínica se produzia para o acompanhante.

Nesses encontros, às vezes, meu corpo se retesava, se soltava, se encolhia, se espreguiçava ou ficava sonolento. As pernas se cruzavam e descruzavam e, nesses movimentos, Pedro, que estava deitado no sofá, me olhava e depois voltava à posição em que se encontrava anteriormente. Em algumas oportunidades ele me olhava “atravessado” ou seu olhar me atravessava como se ele estivesse distante daquele lugar.

Às vezes eu observava Pedro enquanto ele soltava simples baforadas de fumaça. Em uma das ocasiões em que ele me olhou, voltei o olhar para ele e cruzamos nossos olhares. Talvez tenhamos nos olhado por uma fração de segundos, mas pareceu que foi um tempo bastante longo. A sensação daquele olhar se faz presente na medida em que escrevo, tamanha a força e a marca deixada, assim como o olhar no dia que nos apresentamos. Pedro não me disse nada, mas então fiz um gesto afirmativo com a cabeça querendo dizer que estava lá à disposição, como, aliás, já havia deixado claro verbalmente em outras oportunidades.

Nos momentos de silêncio, também se destacaram os gestos da mão de Pedro num movimento automático desenhando círculos no ar, enquanto a deixava pendida para a parte de trás do sofá – na outra mão, dois dedos empretejados pela nicotina seguravam um cigarro ao passo que as cinzas caíam no chão. Pedro, de costas para o lugar onde eu estava, olhava para a parede, mas aquele movimento me engolfava, preenchia todos os espaços do que chamamos de encontro.

Esse era um cotidiano compartilhado, em que, às vezes, ele me oferecia um café frio da tarde, ou ele tomava na cozinha ou na sala, ou nem oferecia. Nesse silêncio, um vento fresco da manhã entrava pela porta, renovando o ar impregnado de fumaça, ajudando-nos a respirar.

Também havia gatos que entravam e saíam da casa pela porta da frente, pelas portas dos fundos ou pela janela do quarto; miavam atrás das portas e embaixo das janelas quando estas estavam fechadas; dormiam na sala enquanto estávamos lá; ou passavam entre nossas pernas miando, pedindo comida, ou dormindo recostados em nossas pernas. Podíamos também perceber o barulho dos pombos nos telhados, em tardes quentes ou manhãs frescas e, às vezes, esses eram os únicos sons que ouvíamos até eu dizer que teria de ir embora. Em algumas oportunidades, Pedro dizia que estava cedo, ou que o tempo tinha passado muito rápido.

Outras vezes, Pedro ficava olhando fixamente para o chão enquanto fumava ansiosamente, tragava com força e soltava a fumaça do mesmo modo, fazendo o ar chiar ao sair da boca; ele cruzava as pernas sobre o sofá, depois as esticava ou colocava um dos pés no sofá. Um vento quase sempre passava pela sala e, ao sair, fechava a porta com força.

Um estampido no fundo, era a porta que batia. Pedro se levantava e a escorava com uma garrafa PET cheia de água. Em outras vezes, o vento entrava pela porta da sala em que estávamos e, ao sair, batia a porta com força. Às vezes ele se levantava, abria a porta novamente e a escorava com o sofá em que estava deitado, em outras, pedia que ele abrisse para entrar um ar, senão eu me sufocava ali; ele se levantava e abria.

Quando havia assunto, conversávamos sobre coisas diversas: o tempo, os gatos que ele tinha em casa, a informática, os celulares, as mulheres, as plantas, as drogas, os vícios, o seu trabalho antes da doença, as pessoas que conhecíamos no CAPS, a Presidente do país, as notícias dos jornais, a alimentação, as relações familiares dele, a amizade, a saúde. Uma

conversa que podíamos conhecer nossas opiniões pessoais, nosso cotidiano, as ansiedades, os sonhos, as realizações e os desgostos.

Uma dessas conversas que surgiu ao léu e me chamou a atenção foi quando, ao falar sobre sua psicose mais uma vez, Pedro me contou o início de tudo, dizendo: “você não tem ideia de como é ouvir vozes, procurar quem está falando, mas não encontrar ninguém”. Uma espécie de confidencialidade se fez naquela hora em que ele nos confia algo da intimidade. Talvez não tivesse falado disso para a família ou mesmo no serviço de saúde mental pelo qual passou, mas, naquele encontro, de alguma forma, abriu-se espaço para que isso acontecesse.

Também houve conversas no fundo do quintal, seja pelo lugar da conversa ou por sua aparente falta de rumo, pontuadas por silêncio, vento, mato e “bitucas” de cigarro. Então, “saía” um assunto que se perdia entre o mato, que tomava conta do que antes fora uma horta e que, às vezes, era capinado por Pedro. Os restos de mato não eram retirados daquele lugar e se amontoavam sobre a terra, sendo que alguns ramos quase secos insistiam em verdejar. E sentado sobre uma lata, oferecida por Pedro como um banco, passava com ele algumas horas, insistindo em acompanhar e ter esses silêncios ou “dedos de prosa”: “Nos fundos do quintal, era riquíssimo o nosso dessaber” (Barros, 2001, p. 11).

Era uma experimentação silenciosa junto ao acompanhado. “Espaço de silêncio e presença” a partir do qual se poderia ter algo a dizer ou fazer. Um silêncio para não poluir com palavras ou imagens, ou espantar os devires com palavras, mas dar direito ao silêncio, ao mesmo tempo com uma “presença discreta, com certa impotência para determinar ou resolver”; presença, espera e silêncio, sem ações ou palavras precipitadas que afugentem o acontecimento (Pelbart, 1993); “vacúolos de silêncio” a partir dos quais o acompanhado pudesse ter algo a dizer, mas sem ser obrigado. Suavidade e direito de não ter nada a dizer, mas que se houvesse algo que pudesse ser dito sem recriminações.

Em um dos encontros que Pedro falou dos seus delírios, ele disse que juízes e promotores usavam o computador e a internet para falar na cabeça dele. Relatou que, por meio do PC, havia entrado em vários sistemas do mundo todo, “mesmo em inglês”, e aprendera diversos tipos de artes marciais para poder voltar e resgatar seu próprio corpo que havia sido tomado ao meio pelo que ele chamava de “além-carlos”.

Quando Pedro falava de seus delírios, geralmente fixava o olhar, me olhava diretamente, olho no olho, enquanto discorria num ritmo constante e grave. Na primeira vez que estava delirante, senti-me como que constrangido ao deparar com esse tipo de produção e expressão, mas entendi que o delírio diante (e com) o computador se mostrou uma importante forma criada por Pedro para “passar a perna” nos seus perseguidores, como ele mesmo dissera.

No Acompanhamento Terapêutico, seja andando pelas ruas, levando o computador para a manutenção, na informática, no quarto ou na sala, nos fazeres, conversando com o acompanhado ou mesmo em silêncio ou ouvindo um delírio, podemos dizer que seria como se dispuséssemos meios, possibilidades e oportunidades, criando uma zona de indeterminação numa relação a partir da qual algo pudesse ser criado.

Em nossos encontros, apesar do tempo cronológico, com seu início e fim, e dos objetos individualizados presentes – afinal, isso é o que permite operar no mundo, reconhecê-lo e organizá-lo –, havia momentos que nos tiravam de um modo operatório em relação aos objetos e, assim, nos fazia escapar.

Nesses termos, a deriva-esquizo trata de tornar indefiníveis alguns contornos, algumas ideias, planos, abrindo para a produção de outras ideias e planos, ou mesmo nenhum plano ou ideia; isso possibilita uma relação diferente com as ruas ou outros elementos nos quais (ou com os quais) propomos compor, criar, derivar e transitar por eles. Assim temos a deriva

como prática estética na produção de territórios ou na própria desterritorialização, compondo, assim uma clínica à deriva.

Desse modo, a deriva implica (e está implicada) nos encontros intensivos, tal que estes abandonam ou extrapolam sua extensão, deixando passar intensidades que nos levam a derivas delirantes. “Dir-se-ia, assim, que tudo se mistura nesses devires, nessas passagens e migrações intensas, em toda essa deriva que sobe e desce no tempo: países, raças, famílias, denominações parentais, denominações divinas, [profanas], históricas, geográficas e até pequenos fatos” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 117).

Nas derivas temos as pessoas com suas características individuadas, com seus papéis sociais, objetos e seus usos e as conexões reais desses objetos e pessoas, isto é, todo um estado de coisas. Todavia, há a velocidade ou a pressa das ruas, o escuro do quarto, o silêncio da sala, as surpresas e hesitações nas ruas, o constrangimento, o terrífico e o criativo do delírio, o olhar atravessado, uma raiva estampada no rosto ou na fala, a intensidade azul do olhar, a expressão de amizade – eis as puras qualidades ou potencialidades singulares:

Evidente que as qualidades-potências dizem respeito às pessoas e aos objetos, ao estado de coisas, bem como às causas. Mas são efeitos muito especiais: todos juntos só remetem a si mesmos e constituem o expressado do estado de coisas, enquanto causas, por sua vez, só remetem a si mesmas, constituindo o estado de coisas (Deleuze, 1983, p. 132).

Em tais experimentações, um mundo fechado de Pedro passa por zonas de intensidades segundo os raios (de sol), pessoas e objetos que o penetram. Quanto mais o espaço é fechado e exíguo, mais ele é precário, aberto às virtualidades do exterior, numa série intensiva, expressão da potência que passa de uma qualidade à outra (Deleuze, 1983).

Temos dois estados das qualidades-potências: atualizados num estado de coisas (espaço tempo, aqui e agora, características, papéis, objetos) ou expressados por si mesmos, fora do espaço-tempo, com singularidades próprias. O afeto é feito desses dois elementos: a

qualificação de um espaço e a intensa potencialização do que nele vai ocorrer. Dois polos do afeto: potência e qualidade – “O afeto é a entidade, a potência e a qualidade... O afeto não existe independente de algo que o exprima, embora dele se distinga por completo” (Deleuze, 1983, p. 126).

Nos encontros, é preciso que o movimento extravase os estados de coisas, trace linhas de fuga o suficiente para abrir o espaço a uma dimensão de outra ordem, ao Fora, favorável à composição de afetos. O afeto trata de extrair o rosto, ou o que o valha, por exemplo, gestos, expressões do corpo ou uma proposição, de qualquer coordenada espaço-tempo, mas pode também levar consigo um espaço-tempo próprio (espaço qualquer), captando mais o processo, a estação, a caminhada. A “lei” desse espaço-tempo próprio é a fragmentação, sendo que a junção das partes vai depender das relações de movimento, repouso e do ritmo que se opõem a qualquer previsão e determinação (Deleuze, 1983).

Para Deleuze (2012), os bons encontros são aqueles que aumentam a potência, a capacidade de agir e pensar, que compõem, ao passo que os maus encontros nos decompõem, diminuindo a capacidade de agir e pensar.

Nesse contexto, nos encontros com Pedro, partindo de um espaço ou percurso determinado, com abertura para as mudanças e as forças do Fora, vamos além das obrigações formais, limitações materiais. Dessa forma, o espaço se torna indeterminado, espaço qualquer, tal que isso não resulte em despotencialização, mas pelo contrário, será a partir daí que algo poderá acontecer (Deleuze, 1983).

Espaço qualquer é um espaço singular que perdeu sua homogeneidade, isto é, suas relações e encadeamentos de suas partes, de modo que podem ser rearranjadas de várias maneiras. “Temos então um espaço de conjunção virtual, um puro lugar do possível... A instabilidade, heterogeneidade, ausência de ligação compreendem uma riqueza de potencial

ou singularidades que são condições para qualquer atualização, agenciamentos, relações de força” (Deleuze, 1983, p. 141).

Isso mostra que os elementos agenciados não são apenas estados de coisas em suas formas, usos ou funções, mas são potencialidades. A montagem ou agenciamento faz com que possam se juntar de diversas maneiras e, não estando orientados uns em relação aos outros, constituem singularidades que se conjugam num espaço qualquer (Deleuze, 1983).

De outro modo, as saídas, a casa, o quarto, a rua, o computador, os gestos, as palavras, a presença, as alternâncias, os trajetos, os delírios ou o silêncio são um conjunto de singularidades e se apresentam como casa, quarto, rua, computador etc, como são: potências e qualidades que compõem o espaço qualquer, ou espaços de possibilidades. É a saída, a casa, o quarto, a rua, os gestos, as palavras, os delírios etc. como afeto.

Nesses movimentos e devires, não sabemos mais se os fluxos nos arrastam ou se já retornam sobre nós. Momentos que podem ser considerados como de ruptura, aceleração, convergências alucinantes; geralmente, pequenas revoluções na vida cotidiana.

São derivas intensivas, passagens e devires em que somos pegos de surpresa em movimentos que nos tomam e nos fazem hesitar, e na hesitação temos a possibilidade de mudanças nas relações de Força, um acontecimento por vir, um encontro intensivo. “O devir é o que subtende o trajeto, como as forças intensivas subtendem as forças motrizes” (Deleuze, 1997, p. 77).

Nos encontros intensivos, um “entre” acompanhado e acompanhante, para além e aquém do espaço e do intervalo, é um fluxo incessante, um devir, de modo que arrasta tudo em outras derivas ou para outras derivas, sentidos, construções, novos modos de pensar e agir. Essa é a arte: uma arte-cartográfica com suas posições, trajetos e caminhos, passagens, movimentos e ritmos que não preexistem ao encontro.

No que concerne às derivas cartográficas ou cartografias derivantes-delirantes-intensivas, temos: deriva e passagem da casa para a rua, das lojas para casa, do quarto para a sala, da sala para o quintal, do quintal para a mercearia; de quem acompanha para quem é acompanhado; de um delírio para uma loja; de um silêncio para um não-lugar, de um tempo para um entre-tempo, de um gesto para uma palavra, e de um lugar para outro, entre um lugar e outro, entre-lugares, entre coisas e estados de coisas.

São passagens e variações que passam a compor esse mundo ou o território, marcam tal experimentação e a distingue de qualquer outra. São as estações dos percursos e encontros: o quarto, a rua, o silêncio, o delírio, os gestos não são apenas determinados e concretos; são potencialidades, são enquadrados de maneiras diferentes, podem ser vistos de várias maneiras numa série de efeitos óticos e não estão definidos por formas e funções.

Essas visões diferentes constituem um conjunto de singularidades que se conjugam no espaço qualquer em que aparecem como pura potência, pura qualidade – as *hecceidades* são as potências, os afetos e as intensidades. Não que a *hecceidade* se constitua num cenário; todo agenciamento, em seu conjunto, é uma *hecceidade* (Deleuze e Guattari, 1997a).

O próprio computador, a rua, o acompanhado, o acompanhante, a clínica, o delírio, a deriva, por exemplo, tornam-se agenciamentos que não se separam de uma hora, de uma estação, de uma atmosfera, de um ar, de uma vida. São feitos de linha e rizoma e compõem um plano de consistência que só tem *hecceidades*.

O clima, o vento, a estação, a hora não são de uma natureza diferente das coisas, dos bichos ou das pessoas que os povoam, os seguem, dormem ou acordam neles. As relações, as determinações espaço-tempo não são predicados das coisas, e sim, dimensões de multiplicidades. Os elementos postos em jogo encontram sua individuação no agenciamento do qual eles fazem parte (Deleuze & Guattari, 1997a).

Nesses termos, temos que nas derivas, as finalidades, os obstáculos, os meios, as subordinações, o que é principal ou secundário estão imbricados de modo que não há meio de discerni-los; isso não quer dizer que haja uma indecisão, mas uma flutuação. “O obstáculo não se deixa determinar... em relação a objetivos e meios..., mas se dispersa numa pluralidade de maneiras de estar presente no mundo” (Deleuze, 2005, p. 243).

Com essa ideia de deriva e flutuação, pensamos a ação no Acompanhamento Terapêutico. Alguns autores, nesse sentido, falam de ação interpretativa ou “interpret-Ação”. Por exemplo, Porto e Sereno (1991) afirmam que “o que prevalece é a ação... que conta com os recursos criativos de cada um dos envolvidos e que representa a própria saída...” (p. 29).

Para esses autores:

O acompanhante interpreta o sujeito nos momentos onde a concretização da montagem dessa cena se interrompe e exige sua intervenção através de ações, que possibilitem saídas libertadoras [ou ainda] a ‘interpretação’ se faz através de um gesto que complementa ativamente o que está sendo feito (Porto & Sereno, 1991).

Por sua vez, Fulgêncio (1991) problematiza a ação e a interpretação no Acompanhamento Terapêutico, ao nos falar de um “agir de uma forma que tivesse um sentido regular e preciso, não uma ação aleatória” (p. 234). Ação que funcionasse como interpretação, mas nem sempre: é o que ele chamou de ação interpretativa.

Acrescentamos que, quanto à experimentação, Rolnik (1997) fala de fisgar elementos – farejando o aparecimento de agenciamentos virtuais –, pressentir virtualidades e apontá-las. Para Rolnik (1997), as interpretações tem um sentido de exploração experimental; com isso, articulamos para o Acompanhamento Terapêutico uma ação experimentativa ou flutuante.

Uma ação flutuante possibilita sair do esquema ação-reação/sensório-motor e abrir-se a uma indeterminação, às forças do Fora. Liberta-se de um modo cognitivista de agir e pensar,

possibilitando uma abertura aos afetos e, ao acompanhado, ser protagonista do Acompanhamento Terapêutico.

Se a situação sensório-motora ou o esquema ação-reação compreende espaços e meios bem qualificados de tal modo que supõe uma ação que revela ou suscita uma reação que se adapta a ela ou a modifica, tal esquema sugere uma resposta certa no momento certo, um gesto adequado, uma palavra eficaz (Deleuze, 2005).

Mas no Acompanhamento Terapêutico tivemos situações rotineiras que, submetidas a um desequilíbrio entre excitação e resposta, nos tiravam do circuito de ação-reação. Elas se compunham de uma crueza, uma beleza ou uma leveza, por vezes insuportáveis: uma atmosfera lúgubre e insalubre no quarto escuro-esfumaçado; tragicômica pelo trânsito dos gatos; bucólica num passeio pela manhã ou pelo barulho de pássaros e as lembranças da roça; urbana no perigo e tumulto do trânsito das ruas. Ocasões que se fazia necessário, ou apenas nos restava ver e ouvir coisas, ou pessoas, como se fizéssemos um inventário dos meios.

Por exemplo, ainda naqueles primeiros encontros, nos momentos em que andamos aparentemente sem motivo até que o acompanhado começasse a procurar alguma coisa; conversando agachados na calçada; diante do uso compulsivo do computador, que parecia às vezes eterno; na sala de sua casa, em que o tempo parecia variar, ora passava muito rápido, ora lentamente, como a fumaça do cigarro que se alternava de um flutuar indefinido, lento, a uma passagem rápida levada por um sopro ou uma brisa forte, até o surgimento ou não de uma conversa.

Naquelas ocasiões nos vimos numa ação flutuante, sem uma intenção que pudesse colocar um fim à determinada situação, em linhas de tempo que pareciam passar rápido demais ou que nunca chegariam. Os encontros intensivos nos lançam num tempo fora do eixo

que não se pode marcado cronologicamente em termos de passado, presente e futuro, mas um tempo singular ao encontro.

Nesse contexto cria-se uma zona em que se perde o contorno dos lugares; de quem acompanha e de quem é acompanhado; tempos diferentes se comunicam, nem históricos, nem eternos, mas intempestivos. A ação flutuante é um modo de se articular com o que se passa “entre” acompanhado e acompanhante.

Tal tempo também se constitui como de gestação, necessário para tentativas, construções e reconstruções, fracassos e acasos. “Um tempo que não é o tempo do relógio, nem do sol, nem do campanário, muito menos do computador. Um tempo sem medida, amplo, generoso” (Pelbart, 1993, p. 32).

Tempo que está mais ligado ao que entendemos quando falamos de uma estação do ano, de um tempo quente ou tempo frio; ou “é tempo de manga”, ou “tempo bom para ficar em casa”, “tempo ruim para sair”, mais do que uma contagem de segundos, minutos ou dias. De outro modo, está mais ligado a um temperar do que temporalizar, que não remete a formas ou sujeitos, mas a *hecceidades*:

Uma hora, um dia, uma estação, um clima, um ou mais anos – um grau de calor, uma intensidade, intensidades muito diferentes que se compõem - têm uma individualidade perfeita que não se confunde com a de uma coisa ou de um sujeito formados... não é o instante, não é a brevidade que distingue esse tipo de individuação. Uma *hecceidade* pode durar tanto tempo, e mesmo mais que o necessário ao desenvolvimento de uma forma e para a evolução de um sujeito. Mas não é o mesmo tipo de tempo: tempo flutuante, linhas flutuantes do Aíôn... As *hecceidades* são apenas graus de potência que se compõem, às quais correspondem um poder de afetar e ser afetado, afetos ativos e passivos, intensidades (Deleuze, 1998, p. 108).

Uma relação com o desconhecido e um tempo de gestação: sem lugar e tempo pré-determinados, na possibilidade de deixar se abrir aos fluxos, às forças, o Acompanhamento Terapêutico se coloca para além dos especialismos; assim, ele favorece as experimentações e

viabiliza construções existenciais com o acompanhado. Nesse contexto, cabe ao acompanhante terapêutico sustentar essa condição, temperar, experienciar e vice-versa.

Entendemos que essas são situações óticas e sonoras em que temos ocasiões correntes, banais e cotidianas. Por mais que quiséssemos, nos esforçássemos, ou nos movêssemos, elas transbordavam para além da capacidade de agir, restando apenas ver e ouvir, o que não corresponde necessariamente a uma resposta ou ação – é mais que reagir, registrar (Deleuze, 2005). Há uma impotência para agir, mas tal impotência nos capacita a ver e ouvir. “Os objetos e os meios conquistam uma realidade... que os fazem valer por si mesmos” (Deleuze, 2005, p. 13).

Tal situação ótica e sonora não se prolonga em ação imediata. Uma ação não vem de algo, como uma resposta, não é sensório-motora, mas ótica e sonora:

Investida pelos sentidos antes da ação se formar... , porém, entre a realidade do meio e a da ação, não é mais um prolongamento motor que se estabelece, é antes uma relação onírica, por intermédio dos órgãos dos sentidos libertos. Dir-se-ia que a ação flutua na situação, mais do que a aremata ou a encerra. (Deleuze, 2005, p. 13).

Desse modo, o esquema sensório-motor já não é exercido, tampouco rebaixado ou superado, mas se rompe por dentro. As situações banais ou cotidianas dos espaços vazios ou desconectados possibilitam que, no Acompanhamento Terapêutico, sejam liberadas “forças mortas”, “desqualificadas” ou não legitimadas que podem entrar na produção ou criação de algo novo (Deleuze, 2005).

São momentos quaisquer e espaços vazios, mas não despotencializados. Assim, sem ações pré-determinadas, as personagens, acompanhado e acompanhante, parecem desaparecer e se perder em ações que não respondem a um mecanismo sensório-motor. Temos assim as derivas, compreendendo encontros em lugares e tempos que vão além (e aquém) do concreto e cronológico, pois levam em conta as relações de força, movimentos, linhas de

territorializações e desterritorializações que se dão a partir da intensidade dos encontros e que vão compondo um cotidiano no qual se insere o Acompanhamento Terapêutico.

É um cotidiano em sua poesia e singularidade para além-aquém de um suposto funcionalismo que a vida deva ter. Funcionalismo quer dizer a medida das coisas, o controle, a previsão, o padrão do que é normal, patológico, certo, errado, do que é importante para que as coisas “funcionem” bem, enfim, um ideal de vida.

Tomar o cotidiano como poético e singular quer dizer estar aberto e disponível ao encontro, à produção de sentidos e, com isso, os encontros ou os objetos se tornam líricos, poéticos. O Acompanhamento Terapêutico, do modo como entendemos, trabalha nesse sentido, colocando a presença de um outro (acompanhante ou não) que ajude o acompanhado na abertura à experiência poética, àquilo que está no miúdo, no imperceptível, no supostamente insignificante, como disseram A. Prado e G. Safra (comunicação pessoal)<sup>14</sup>.

Esse cotidiano pode ser um encontro na rua, no supermercado, dentro de casa, um tropeço na rua, uma senha de celular, um silêncio, uma recusa ou aceitação de um convite, uma topada, uma pedra, um computador, uma sombra ou uma árvore no meio do caminho.

Assim, o cotidiano nos salta aos olhos com toda a riqueza que tece os encontros, o café da tarde, a conversa no fundo do quintal, os poucos sorrisos, o sol quente das tardes, os pássaros no telhado, o trânsito dos gatos, as saídas sem endereço, as dificuldades em aprender alguma tarefa, descobrir novos lugares na vizinhança onde se poderia comprar alguma coisa ou mandar consertar outras, ou mesmo se aperceber do que está acontecendo nos arredores. Uma potência cotidiana e dionisíaca presente em mudanças sutis.

Isso não quer dizer idealizar ou ocupar o cotidiano com a clínica, nem a clínica com o cotidiano, mas ocupar a fronteira, fazer um passar pelo outro. Do mesmo modo que não é

---

<sup>14</sup> Cotidiano: Horizonte de Revelação – conferência de abertura do VII Congresso Internacional, VIII Congresso Ibero-Americano, III Congresso Brasileiro de Acompanhamento Terapêutico. 15, 16 e 17 de Novembro de 2012, São Paulo - SP.

ocupar a rua com a clínica, mas fazer passar entre a rua e a clínica uma potência dionisíaca como uma força que compreende a vida na sua perspectiva trágica em que as dores, sofrimentos, quedas e abalos fazem parte de uma afirmação da vida em sua abundância, sem que por isso precise ser justificada ou redimida, e assim se afirma e produz diferença (Deleuze, 1976):

O trágico como fenômeno estético. Trágico define a forma estética da alegria, não uma fórmula médica, nem uma solução moral da dor, do medo ou da piedade. O que é trágico é a alegria. Mas isto quer dizer que a tragédia é imediatamente alegre, que ela suscita o medo e a piedade no espectador obtuso, ouvinte patológico e moralizante, que conta com ela para assegurar o bom funcionamento de suas sublimações morais ou purgações médicas (Deleuze, 1976, p. 11).

Dessa maneira, temos na deriva uma potência dionisíaca que se distancia de uma certa psicologia moralizante e idealista, a qual almeja a felicidade, a busca de virtudes morais, de verdades, certezas e resoluções. Além disso, afasta do ideal de uma separação e compartimentalização das instâncias da vida, e da segmentarização, purificação e objetividade das ciências. Isso quer dizer que não é somente a arquitetura da cidade, ou apenas o inconsciente, ou a política, ou a economia conforme a ordem de cada um.

O que se propõe é compor agenciamentos coletivos que permitam a articulação entre personagens “antagônicos”: os insanos e anormais se encontram com os lúcidos e normais; uma espécie de mistura intempestiva entre saberes; entre instituições de tratamento, com sua disciplina temporal e espacial, e as ruas, com seus tempos, ritmos e espaços urbanos variados e variáveis a céu aberto. Daí a conspiração que fizemos menção no início.

Nesse contexto, não existe oposição entre as situações, isto é, entre o que possa ser colocado como relevante ou algo ordinário. As situações se compõem e se atravessam em acontecimentos:

Um conjunto de singularidades que se prolongam umas nas outras, é um conceito [o ritornelo] que remete enquanto tal a um acontecimento: um *lied* [canção] [grifo do autor]. Um canto se

eleva, se aproxima ou se afasta. É o que se passa num plano de imanência: multiplicidades o povoam, singularidades se conectam, processos ou devires se desenvolvem, intensidades sobem ou descem (Deleuze, 2010a, p. 188).

O acompanhante terapêutico faz a intervenção cartográfica no cotidiano do acompanhado a partir da ação flutuante, participando com ele desse dia a dia, e é aí que produzimos um *setting* nômade: o Acompanhamento Terapêutico se coloca numa flutuação, passa a derivar junto ao acompanhado.

A ação flutuante e a deriva são indiscerníveis, ou seria a própria deriva efeito da ação flutuante ou vice-versa? A ação flutuante nos convida a derivar, que assim não se refere a uma passividade no Acompanhamento Terapêutico, mas ao próprio estar e fazer junto com o acompanhado: transformar, criar, produzir, vivenciar, experienciar, expandir, abrir, ampliar, possibilitar, esperar, hesitar, duvidar, paralisar, se libertar, libertar... relação de forças.

Nas (e pelas) derivas, os espaços se tornam desconectados ou esvaziados, de modo que os fragmentos podem ser agenciados no (ou pelo) funcionamento da clínica do Acompanhamento Terapêutico. E com suas conexões sensório-motoras perdidas, o espaço concreto deixa de se organizar segundo tensões e resoluções de tensões, segundo metas ou obstáculos, deixando-se tomar em intensidade, devir e delírio.

Temos, por exemplo, uma atmosfera intensiva em que a mão do acompanhado o conecta ao acompanhante por meio de um movimento da mão solta no ar, desenhando círculos; ou olhares de canto de olho ou olhares diretos e atravessados, que se percebem e se escutam, em que o olho duplica sua função óptica com uma função háptica, ou “anda” na rua sem saber o que se está procurando.

Era um espaço desconectado ou fragmentado em que estávamos, no qual a mão passou de um papel de uma exigência sensório-motora, substituindo o rosto do ponto de vista de como

nos afetamos, nos fazendo “circular” e movimentar por esse espaço vazio, em que a conexão dos elementos no espaço desconectado não está dada.

Do mesmo modo que ao aproveitar uma disposição para sair, a “rua de cima” ou o “outro lado do bairro” são criados num dos encontros e não se poderia dizer que surpresas guardariam, o que comportariam, ou os outros movimentos que poderiam derivar disso. Num momento, as ruas e os lugares são apenas coordenadas, são referências espaciais, mas por um movimento, uma mudança de qualidade e atmosfera, eles se abrem e são conectados a algo, seja uma palavra, um gesto, uma lista de compras, um computador ou um delírio.

Assim como em algumas andanças passamos por uma rua aparentemente sem prestar atenção em nada ou dizer algo, e em outra ocasião andamos pela mesma rua, mas dessa vez comentando sobre as mangueiras, sombras das árvores e construções que estavam sendo feitas, podemos também percorrer a cidade como em delírio, com saídas baseadas num delírio, passagens povoadas por delírios, derivas por delírios, derivas e delírios: “... a arte os torna presentes uns nos outros; ela torna sensível sua presença mútua e se define assim, invocando Dionísio como o deus dos lugares de passagem” (Deleuze, 1997, p. 79).

Em tais cartografias, os mapas dos trajetos, dos lugares, dos gestos e dos afetos remetem um ao outro, e o movimento pode tender a zero ou a algo exagerado, incessante ou browniano fazendo inaugurar, em todo caso, uma “transição sutil e sem alarde”, como disse Walter Meirelles sobre a dança no parque no filme *Roda da Fortuna*<sup>15</sup>. São pontos indiscerníveis de passagem. Nessa dança, temos um movimento que vai de um elemento pessoal a um suprapessoal, um movimento de mundo que a dança traçará ou produzirá. Momentos em que acompanhado e acompanhante são tomados pelo movimento que parece nascer do

---

<sup>15</sup> *Roda da Fortuna*, filme de Vincente Minelle (1953), com Cyd Charisse e Fred Astaire.

desnivelamento da calçada, das ruas, do delírio ou do silêncio, no passeio que imperceptivelmente se torna dança (Deleuze, 2005).

Entre o passo motor (andar) e o passo dança, há “o que Alain Masson chamou de ‘grau zero’, como que uma hesitação, uma defasagem, um atraso, uma série de falhas preparatórias..., ou, ao contrário, um nascimento brusco” (Deleuze, 2005, p. 78); não uma passagem progressiva, mas a anulação da ligação sensório-motora.

O intervalo de movimento não é mais aquele que conjuga respostas, em que um dançarino percebia o outro e respondia com uma ação. O nexos sensório-motor está quebrado. É mais que um movimento no espaço, mais que um movimento físico, trata-se de um deslocamento no tempo (Deleuze, 2005).

Levando em conta a fragilidade dos encadeamentos sensório-motores e o conseqüente enfraquecimento dos vínculos de ação-reação entre as coisas, temos que o tempo subordina o movimento dos dançarinos. Deriva, repouso, movimento, dança e passagens: um Devir-Dança. Ruas, lugares, delírios, tempos e situações, marcados pela intensidade do encontro, engendram essa dança, uma criação de caminhos, produção de encontros e desvios. Encontros intensivos que se produzem, multiplicam, conectam, desconectam, desviam e derivam.

Nos encontros, Pedro continuava usando e desconfigurando a máquina. A internet passou a não funcionar, e algumas noites continuavam mal dormidas. Os delírios passaram a incorporar elementos de informática mais fortemente e seus perseguidores pareciam querer atingi-lo via computador, impedindo de usar a internet.

Nas suas narrativas delirantes, Pedro começou a utilizar vários tipos de mensagens e palavras que apareciam no computador durante a instalação e execução de programas, por exemplo, “senhas”, “arquivo” e mensagens de aviso de algumas etapas de instalação de programas. Um novo arranjo, uma produção de sentidos numa nova realidade, agora a

informática, é dada para um antigo conflito persecutório vivido por Pedro e que tem, como efeito, novas possibilidades de enfrentamento das ameaças constantes.

Então decidimos ir à loja da operadora e pedir o cancelamento do serviço, pois ele disse que estava pagando, mas a internet não funcionava. Nesse dia, quando cheguei, ele já estava pronto para sair. Durante o caminho, conversamos sobre a cidade, os lugares, o trânsito difícil e seus perigos. Na loja, ele mesmo conversou com a atendente sobre os problemas de conexão do modo que ele entendia sobre o ocorrido. A atendente tentou explicar para ele o problema e, assim, negociaram por algum tempo entre encerrar ou não o serviço e Pedro – por insistência dela, decidi tentar usar mais algum tempo.

Na saída da loja, Pedro acendeu um cigarro, parecia um pouco tenso. Chegamos ao estacionamento. Ele pediu para esperar até que acabasse de fumar, depois se agachou e disse que sabia o motivo pelo qual a internet não funcionava. Explicou que era por causa da “juíza de Brasília”, contando que ela poderia atrapalhar de longe. Ressaltou que ela já havia prejudicado um primo dele havia dez anos, perseguindo-o até a morte, e ela pretendia fazer o mesmo com ele. Perguntei o porquê de ela fazer aquilo; ele respondeu que era para fazer “soldado universal”. Quem conseguisse passar por isso ficaria vivo; quem não conseguisse, morreria como acontecera com o primo. Acrescentou que aquele primo tinha um pacto com três diabinhos e, numa noite, eles foram a um local deserto e os diabinhos apareceram. Pedro fez um pacto com eles e, no dia seguinte, pensou que tinha sonhado; então, voltou ao mesmo lugar e viu que havia estado lá realmente.

Explicou também que, mesmo sem computador, ele conseguia conectar com o mundo inteiro – Pedro havia aprendido isso quando esteve fora do corpo, como já contara antes. A situação era ansiogênica para ele, e estar com ele se fez importante; nesse acompanhar a produção delirante, foi possível ajudá-lo a se desvencilhar daquilo que o atormentava, mesmo

que de forma efêmera, dando suporte aos afetos avassaladores que o capturavam, suas relações com o contexto em que emergiam e os modos de lidar e buscar agenciamentos possíveis.

Em uma das vezes, quando falou dos seus delírios, Pedro disse que havia viajado pelo mundo todo aprendendo o “catar”, um tipo de luta que ele mostrou fazendo gestos com as mãos, entrelaçando os dedos enquanto dizia palavras num “chinês antigo”, segundo ele (na ocasião, ele falou tantas palavras que pensei que não mais voltaria a falar português). Nessa viagem delirante, ele dissera que havia adquirido poderes e habilidades para voltar ao próprio corpo. Contou que havia explicado isso no CAPS-ad; por isso, não precisava frequentar o serviço de saúde.

Elogiei a boa memória, pois havia conseguido guardar todas aquelas palavras e sinais. Perguntei como havia conseguido; ele esboçou um semblante de satisfação e disse que aprendera de longe, por meio do computador, várias coisas do mundo inteiro a respeito de lutas. Comentei que o que ele dizia parecia muito com o filme Matrix<sup>16</sup>; ele explicou que era isso mesmo, que ele falava da matrix.

Durante sua narrativa, explicou-me que a psicose tem cinco fases: de estado; de mania; e estágio final, relacionada ao momento da morte. Não consigo me lembrar das outras duas fases, mas ele continuou contando que as vozes, às vezes, mandavam que ele se matasse; então, ele respondia: “Matar pra quê”? As vozes o mandavam agredir as pessoas, e ele replicava: “Essa pessoa não tá fazendo nada?!”.

A produção delirante pode ser entendida como uma “espécie de saúde”, uma invenção, uma possibilidade de produção de vida, de pensamentos e ações (Deleuze, 1997). Não há nada mais singular ao indivíduo que o delírio, assim como o sonho lhe é originalmente singular.

---

<sup>16</sup> Produção cinematográfica americana de 1999, que mistura ação e ficção científica, produzida pelos irmãos Wachowski.

Delirar, sair do sulco, desviar, provocar colisões moleculares e a formação de novas ondas de movimento que avançam, invadem, deslocam os limites e na volta mudam de novo esses mesmos limites – ondas que mudam frequentemente de velocidade, altura e força.

Um processo de expressão que se irrompe e é capaz de provocar uma ruptura entre as palavras e coisas. Sendo ruptura, pode então possibilitar a abertura de um espaço para criações, invenções e acontecimentos. Uma ruptura, um “entre” por onde se afeta e se é afetado de alguma maneira, onde se pode prenunciar um devir, que “está sempre ‘entre’ ou no ‘meio’” (Deleuze, 1997, p. 11). Desse modo, o devir-*driver* se constitui nesse processo produtivo delirante de Pedro.

Interessante notar que, nesse processo, a palavra “Kata” em japonês, que talvez fosse a expressão que Pedro tentava dizer na ocasião em que nos contou sobre seu delírio, é um conjunto de movimentos de ataque e defesa presente em várias artes marciais japonesas. Posteriormente, Pedro mostrou o “catar” nas cenas de um filme do Bruce Lee a que assistimos.

Os gestos mostrados durante na narrativa do delírio eram os mesmos que fazia antes de digitar qualquer coisa no teclado do computador. Fazendo ressonâncias com a linguagem da informática, o “catar” talvez fosse uma “senha” inventada por ele; uma espécie de “número *serial*<sup>17</sup>” de instalação. Após os gestos, geralmente digitava palavras sem sentido aparente, carregadas de consoantes e impronunciáveis.

Ao conjugar os mesmos poderes e habilidades que adquirira outrora, quando esteve em sua viagem “fora do corpo”, agora ele podia, com a informática, se conectar, usar a internet e lutar, intervindo no mundo com palavras transformadas em gestos e vice-versa. Um corpo e

---

<sup>17</sup> Refiro-me ao conjunto de números e letras algumas vezes necessários para a instalação de *softwares*, por exemplo, o sistema operacional.

uma língua que dizem algo em sincronia, que se propõem a uma ação de ataque e defesa, de fuga, de escape da maquinação paranoica que o atormentava tanto.

Um devir-*driver* no sentido de que seus gestos e palavras inauguram uma produção singular. Um uso esquizo, que não se assemelha às formas convencionais de se navegar no ciberespaço. Trata-se, sim, de um processo que arrasta tudo que é visto como familiar e normal para um outro lugar, que escapa ao instituído campo das nosografias psiquiátricas.

Pedro e seu corpo, com os performáticos “catares”, se conecta ora com um mundo concreto, ora com um mundo virtual da internet, tendo como linha produtora a produção delirante, o devir-*driver*. O delírio “Arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros” (Deleuze, 1997, p. 9) e tudo se mistura: o delírio, as ruas, o tempo, as raças.

Nesse Acompanhamento Terapêutico, temos um processo de produção, uma máquina de andar à deriva, ficar à deriva, máquina de derivar produzindo diferença, comunicando-se com o Fora, e por isso, “mesmo deslocando-se [ou mesmo uma imobilidade] no espaço, é uma viagem em intensidade, em torno da máquina desejante que se erige e permanece” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 177).

Sendo assim, a máquina desejante refere-se à produção desejante em que elementos se compõem com outros elementos. Assim, uma máquina acoplada a outra produz um fluxo, e outra opera um corte, sendo que um desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxo contínuo (Deleuze & Guattari, 2010).

Nesse processo, os agenciamentos feitos, os movimentos de desterritorialização-reterritorialização vão compondo certas formas, compondo certos territórios sustentados num plano de imanência ou consistência. É o “pedaço de território” necessário para o Acompanhamento Terapêutico e as experimentações que daí emergem.

O plano de imanência (ou de consistência) é de onde advém, ao mesmo tempo, o atual e o virtual, um em relação com o outro, num movimento que vai de um para outro, plano em que as formas (atuais) estão sendo constantemente dissolvidas para liberar tempos e velocidades (virtuais) (Deleuze & Guattari, 1996). Essa mistura de corpos que se penetram, se chocam, se conectam e possibilitam os acontecimentos:

Plano de consistência ou de composição das *hecceidades* num caso, que só conhece velocidades e afetos; plano inteiramente outro das formas, das substâncias e dos sujeitos, no outro caso. E não é o mesmo tempo, a mesma temporalidade. *Aion*, que é o tempo indefinido do acontecimento, a linha flutuante que só conhece velocidades, e ao mesmo tempo não pára de dividir o que acontece num já-aí e um ainda-não-aí, um tarde-demais e um cedo-demais simultâneos, um algo que ao mesmo tempo vai se passar e acaba de se passar (Deleuze e Guattari, 1997a, pp. 48-49).

Esse plano de consistência é engendrado à medida que elementos vão surgindo, vão se misturando, se compondo ou se refazendo ao sabor das forças, dos fluxos que fazem parte do processo e permitem sua continuação. A produção desejante se dá nesse instante criador; não é *a priori*, é no campo de imanência ou consistência, conjugando componentes de passagem que fazem emergir outras coordenadas de existência, blocos de possível, articulações funcionais, relação criadora com a situação que se estava vivendo (Guattari & Rolnik, 2010).

Além disso, o plano de consistência não para de levar partículas a fugirem para fora dos extratos, de embaralhar as formas a golpes de velocidade e lentidão, de quebrar funções à força de agenciamentos (Deleuze & Guattari, 1997a). Assim, o espaço e o tempo extensivos nos servem de referências ao mesmo tempo em que temos uma intensidade que arrasta um termo e outro do encontro, num processo diferencial de devir.

Em toda passagem e todo devir, uma experiência de morte se faz presente: ela é ordinária no inconsciente, pois se faz na vida e para a vida. “É próprio de cada intensidade investir em si própria a intensidade-zero a partir da qual ela é produzida num momento como o que cresce ou diminui sob uma infinidade de graus” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 437).

Composições ou formações, desconexões ou desfazimentos, relações de atração e repulsão; dessas oposições são produzidos tais estados intensivos, “são esses devires e sentimentos intensos, são estas emoções intensivas que alimentarão delírios e alucinações” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 437). Elas estão o mais próximo da matéria, cujo grau zero investe em si próprias, e são portadoras da experiência inconsciente da morte, a qual “volta a ser sentido em todo sentimento, é o que não para de advir em todo devir... devir-deus, no devir-raça... formando as zonas de intensidade...” (idem).

Nesse processo, sujeito é um devir, e o primado do campo social no investimento do desejo define os estados intensivos pelos quais um sujeito passa, ou seja, os devires. Toda intensidade é portadora da experiência de morte, todo devir devém, ele próprio, um devir morte: “O sujeito fixado como EU, morre efetivamente, isto é, para de morrer, porque ele acaba de morrer na realidade de um derradeiro instante que assim o fixa como Eu desfazendo a intensidade, reconduzindo-a ao zero que ela envolve” (Deleuze & Guattari, 2010, p. 437). O próprio sujeito não está no centro, mas na borda, sempre descentrado, concluído dos estados pelos quais ele passa (Deleuze & Guattari, 2010).

Devir então não é se tornar algo, imitar, nem fazer como, ou se ajustar a um modelo, mas se conectar a intensidades do que está entre o deixar de ser e o vir-a-ser, entre o ainda por vir e o já sucedido. Assim, ele é propriamente a produção de diferenças, de singularidades, sempre se dando por desvios, rupturas, acontecimentos (Deleuze, 1998).

Pedro devém um samurai, devém agente secreto, um montador e desmontador, e se as desconexões do seu computador podem ser vistas como ação invasiva ou perseguidora, sob a forma de um órgão perseguidor ou agente exterior de perseguição (Deleuze & Guattari, 2010), então ele produz outras maquinações, luta contra seus perseguidores e os “malas” que o insultavam durante a noite, tentando tirar-lhe o sono.

Se o “Catar” enquanto ação – palavra e gesto – produziu conexões e pode ser interrompido por seus perseguidores; Pedro se colocou a procurar pelos *drivers* ou sair para reclamar do serviço na operadora, onde ele disse que estava pagando, mas que não conseguia se conectar. É o delírio que cria mundos. Agenciando palavras-ações para defendê-lo de seus perseguidores – Pedro se livra da morte mais uma vez, ele próprio, uma máquina de *drivers*.

O acompanhante terapêutico ou o próprio Acompanhamento Terapêutico faz parte dessas maquinações por meio da deriva, compondo uma clínica dos encontros intensivos que não são entre um indivíduo e outro, mas de partes expressivas nos planos de corpos, palavras, gestos, ritmos e sons, isto é, *hecceidade* em vez de subjetividade. Ao invés de ser coisa ou pessoa, a *hecceidade* é, contrariamente, acontecimento.

Para Deleuze (1997), um corpo não é dado pela forma, nem substância ou sujeito, nem órgãos ou funções, mas por latitudes e longitudes (Longitudes: conjunto de movimentos e repousos, velocidades e lentidões. Latitudes: afetos e intensidades). Latitude e longitude são os elementos de uma cartografia; de outro modo, as latitudes são feitas de partes intensivas sob uma capacidade, como a longitude, de partes extensivas sob uma relação (Deleuze, 1997).

Os corpos podem ser físicos, biológicos, psíquicos, sociais, clínicos, verbais, são sempre corpos ou *corpus*... [grifo do autor] Os corpos se definem por aquilo que podem, pelas relações das quais são compostos, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação (Deleuze, 1998, pp. 66,74).

Uma coisa, um animal ou uma pessoa se define unicamente por longitudes e latitudes. Já não há formas, mas relações cinemáticas. As coisas entram em determinado agenciamento segundo suas “relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de nos tornarmos e através das quais nos tornamos... é nesse sentido que devir é o processo do desejo” (Deleuze & Guattari, 1997a, p. 64).

O desejo, máquina desejante que está relacionada com a produção de modos de existência, não tem por objeto pessoas ou coisas, mas uma maneira de ser, forma de se relacionar, é todo um agenciamento de coisas – seja uma rua, uma paisagem ou um indivíduo – e suas relações de movimento e intensidades; trata-se de um processo de produção de subjetividade.

No Acompanhamento Terapêutico, Pedro começou a forjar um modo de expressão, criar uma forma de cartografia que ele talvez não pudesse desenvolver na família ou numa instituição de saúde mental, do mesmo modo que, uma clínica também foi sendo forjada nesses encontros.

Sendo assim, cada relação de movimento e repouso, velocidade e lentidão, que agrupou uma infinidade de partes, correspondeu a um grau de potência. Às relações que compõem um indivíduo, que o decompõem ou modificam, correspondem intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir.

Os afetos são devires: “Latitude, os afetos de que um corpo é capaz segundo tal grau de potência, ou melhor, segundo os limites deste grau e a longitude feita de partes extensivas sob uma relação. Para definir um corpo enumeramos seus afetos” (Deleuze & Guattari, 1997a, p. 42).

Não sabemos nada de um corpo se não soubermos o que ele pode, isto é, quais são seus afetos, como eles podem ou não se compor com outros afetos, com os afetos de outro corpo para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar ações e paixões com esse outro corpo, seja para compor um corpo mais potente com ele (Deleuze & Guattari, 1997a).

Nesse caso, o acompanhante/Acompanhamento Terapêutico talvez pudesse ser definido por fazer saídas e andar nas ruas e “mexer” no computador e conversar coisas diferentes e

ficar em silêncio e fazer companhia e consertar e/ou configurar o computador e representar o CAPS e fazer pontes com o CAPS e fazer derivas e...

Poderíamos também atribuir ao computador: possuir ou montar placas, ter *drivers* (para funcionar), monitor, memória HD, energizar, fazer conexões com o mundo, configurar-se, desconfigurar-se. Do acompanhado poder-se-ia dizer, entre outras coisas, do ficar em casa, delirar, lutar, vencer, perder, mapear lojas de manutenção, esquizofrenizar, fazer saídas quando necessário, andar rápido, andar devagar, fumar, usar o computador, desconfigurar o computador.

“Trata-se de saber se o [acompanhado/acompanhante ou o Acompanhamento Terapêutico] pode dar a seus próprios elementos, relações de movimento e de repouso, afetos que o fazem devir, independentemente das formas e dos sujeitos” (Deleuze & Guattari, 1997a, pp. 43-44).

Podemos dizer do acompanhado nesse processo: usar um computador, procurar lojas, conversar sobre computador, montar computador, montar placas, desmontar computador, teclar compulsivamente, reclamar das manutenções, falar com vizinhos, descobrir lojas de manutenção, delirar sobre a internet. Não é uma mudança de formas, mas uma mudança de qualidade:

Já não se trata de confrontar o homem e a máquina para avaliar as correspondências, os prolongamentos, as substituições possíveis ou impossíveis entre ambos, mas de levá-los a comunicar entre si para mostrar como o homem compõe peça com a máquina, ou compõe peça com outra coisa para constituir uma máquina (Deleuze & Guattari, 2010, p. 508).

Destacamos por último alguns relatos e articulações que, claro, fazem ressonâncias com os anteriores. Nos encontros destacamos uma saúde produzida e entendida como, entre outras coisas, brigar pelos direitos, indignar-se, negociar preços, pegar um táxi, expressar-se; tudo isso é uma capacidade de transformação, abertura para alteridade, ampliação dos limites. Não

é fazer com que o acompanhado faça as coisas certas, por um caminho certo e adaptado, mas que produza outros modos de vida.

Continuei a acompanhar Pedro nas atividades que ele gostava de fazer no computador e para as quais ele já se propunha a sair e procurar por recursos sem a presença do acompanhante. Mas, como o PC, na maior parte do tempo, passou a não funcionar no nível dos sistemas e aplicativos, Pedro começou a se relacionar com a máquina no nível das peças e dos componentes (*hardware*), desmontando e montando o computador.

As montagens e desmontagens que Pedro agora fazia no computador pareciam ser uma atividade lúdica na qual ele “brincava” com os componentes, que foram se compondo com elementos delirantes. Pedro também manteve os contatos com as lojas de manutenção, mas a partir das peças do PC, conseguiu ampliar as relações com os funcionários e se comunicar melhor nas lojas, pois agora ele identificava, inventava ou aprendia os nomes de algumas delas. Do mesmo modo, os funcionários do estabelecimento mostravam as peças e ele, então, as identificava, aprendendo o nome delas.

Certo dia, Pedro falou que daria um dos computadores para a sobrinha dele e disse que a estava ajudando, “fazendo a parte dele”. Contou que algumas pessoas não sabiam utilizar o dinheiro que tinham e que, quando ele tinha dinheiro, ficava cheio de amigos interesseiros na porta de sua casa, isso enquanto ele pagava drogas. Estavam todos lá, mas quando ele não tinha dinheiro, eles nem olhavam para ele. Pedro dizia: “me tiravam” e “amigo é igual eu e você: um ajuda o outro”.

O Acompanhamento Terapêutico se coloca com uma condição de hospitalidade a ambos, para o acompanhante que procura acolher e fazer acolher a diferença no entorno social, assim como o acompanhado acolhe o acompanhante que chega a sua casa como um desconhecido e se transforma num amigo, como Pedro disse.

Nesse acolhimento recíproco, não é incomum que o acompanhante seja chamado de amigo, uma vez que o acompanhante terapêutico já foi denominado de amigo qualificado durante um período da história, algo que foi mudado devido à suposta necessidade de dar uma característica “mais profissional” ao Acompanhamento Terapêutico.

Todavia, a amizade trazida pelo acompanhamento à clínica não é essa a que o sentido comum nos leva a pensar. Ela aqui se articula com a condição de se estar entre, sendo assim uma amizade marcada por distâncias, proximidades, produção da diferença, embate e criação, de modo que:

É necessária uma relação terapêutica com hospitalidade absoluta à alteridade e ao bárbaro que há em cada paciente, família, comunidade, e a certeza que as experimentações vividas na relação não podem garantir o final feliz do drama anestesiante desejado pela subjetividade capitalística, mas a alegria trágica das quedas e da possível transmutação da vida. É neste contexto que as relações de confiança se constituem e viabilizam a terapêutica (Silveira, 2006, p. 13).

Em outro encontro, Pedro me chamou ao quarto dizendo “vem cá, Dami”. Sentei-me na cama e observei seus afazeres. Ele explicou, enquanto clicava e teclava, o que estava fazendo; disse que havia instalado aquele programa junto com outros. Antes que digitasse algo no teclado, ele fazia o sinal do “catar” com as duas mãos juntas, fazendo os dedos de uma mão passar por entre os dedos da outra, e então digitava, preenchendo alguns campos com consoantes, por exemplo, “pbhght” ou “jmoht”.

Noutro dia, Pedro demorou a atender a porta e explicou depois que estava deitado. Suas roupas estavam sujas, unhas grandes, barba por fazer, cabelo grande e despenteado. Aspectos que, de certo modo, sempre preocupavam a família, para a qual isso era sinal de que as coisas não andavam bem, e também isso nos preocupava. Comentei isso com ele, que nos explicou que não tinha uma tesoura para cortar as unhas; posteriormente, relatei tal fato à irmã.

No encontro posterior, Pedro já estava com as unhas cortadas e a barba feita. Perguntei sobre como ele estava por aqueles dias e naquele momento; respondeu apenas que estava tudo

bem. Contou algumas coisas da sobrinha e da família e depois falou do computador, reclamando que ele só ficava numa tela branca. Tentei arrumar, depois ele também tentou várias vezes reinstalar o sistema, mas o disco rígido não estava sendo detectado. Desistimos e fomos para a sala.

Na sala, ele começou a falar de algumas pessoas que consertavam computadores e que moravam nas imediações. Pedro contou que um rapaz de outra loja não era tão honesto, pois havia oferecido um computador por R\$ 90,00 e, quando Pedro chegou lá para levar a máquina, o funcionário disse que o preço era de R\$ 120,00 – ele ficou muito chateado com isso.

Pedro me disse que não levaria mais nenhum computador àquela loja. Ressaltei que ele poderia vender a carcaça do computador que não funcionava mais, pois há pessoas que compram tal equipamento, como falei a ele. Então, ele afirmou que aquele rapaz (o que mudou o preço) compraria; brinquei com ele dizendo: “Então vende para ele, você fala que é R\$ 90,00 e quando ele ‘for’ pagar, você diz que é R\$ 120,00”. Pedro riu um sorriso gostoso, aberto, de mostrar os dentes; rimos juntos (foi bom tê-lo visto rir daquele jeito). Geralmente, não ria muito e, quando o fazia, costumava ser bem discreto, apenas com um sorriso de “canto de boca”. Então, enquanto ria, ele se expressou, em tom de brincadeira: “o Dami é mau!”.

Depois, em outro dia, ele chamou para levar o computador, com o intuito de vender a carcaça. Ele queria ir àquela loja onde já havíamos ido, na qual o dono vendeu mais caro que o preço combinado anteriormente. Ele ligou antes, mas ninguém o atendeu; não sabíamos se estaria fechado ou não. Colocamos o computador no carro e fomos; o lugar estava fechado. Voltamos e, no caminho de volta, ele falou que queria comprar um HD (*Hard Disk* ou disco

rígido) de 40 GB<sup>18</sup>. Mas ele não sabia onde, então lembrei que passamos por uma lojinha de computadores usados enquanto voltávamos, e então fomos até aquele lugar.

Lá, ele perguntou ao dono se teria um “HD de 40”; ele respondeu que sim e, então, Pedro falou que iria pegar o dinheiro no banco. Questionei se seria possível comprar, se as economias dele estavam em dia. Ele disse que tinha dinheiro e que também teria como pegar empréstimo. Chegamos ao banco, mas não havia mais dinheiro na conta dele; ele falou em pegar um empréstimo. Expliquei-lhe que talvez fosse melhor esperar o próximo mês, quando receberia o pagamento, pois, pegar empréstimo poderia sair caro; ressaltai os juros altos. Ele disse “é...”, deixando a conversa no ar, mas concordando; voltamos para casa.

Em outro encontro, Pedro estava nervoso com o dono da loja de informática. Ele havia levado um computador para que fosse colocado um disco rígido novo, mas quando ele foi buscar, o dono do estabelecimento falou que tinha trocado várias peças e arrumado tudo, sendo que cobraria R\$ 250,00 pelo serviço. Pedro me disse que o dono da loja estava tentando tirar vantagem dele e disse que ele, Pedro, era bom, mas não era otário. “Aproveitar de mim, não”, ele dizia. Pedro estava visivelmente alterado, indignado e falava o tempo todo daquele “senhor de cabeça branca”, o “velhinho”, que estava tentando enganá-lo.

Ele contou a história toda, mas estava falando tão rápido que atropelava algumas palavras, ficando difícil entender; então, pedi que repetisse o que havia dito de forma devagar, algo que foi prontamente realizado por ele. Enquanto falava, fumava um cigarro atrás do outro, puxava a fumaça com força, cenho franzido, e soltava a fumaça do mesmo modo. Depois de ter contado tudo, se acalmou um pouco, respirando com dificuldade – “puxava fôlego”, como dizia. Levantou-se, tomou um café, voltou para o sofá e acendeu outro cigarro.

---

<sup>18</sup> GB (GigaBytes) – podemos dizer que é a medida da capacidade de memória do disco rígido.

Na sequência, falou que queria comprar duas CPUs numa loja aonde já havíamos ido anteriormente. Explicou que iria comprar as duas por R\$ 50,00, pois já havia conversado com o dono da loja. Este, por sua vez, teria passado próximo à casa dele; eles se viram e conversaram. Silêncio. Apenas o ruído da respiração de Pedro era ouvido. Comentei a esse respeito, ele respondeu: “é o cigarro, Dami”.

Perguntei se ele estava com falta de ar. Ele disse que sempre “puxou fôlego”, algo que acontecia desde quando era criança. Falei que o cigarro poderia aumentar a dificuldade, e ele afirmou que não era possível ficar sem cigarros. Ressaltou que, se isso acontecesse, ninguém o “aguentaria” e que ele fumava em razão da ansiedade.

Durante nossos encontros, também já havia conversado com Pedro sobre uma redução dos maços de cigarro e avisado, para a irmã dele, sobre as dificuldades para respirar. Na ocasião, ela disse que ele sempre apresentou tais sintomas, mas que não havia nada. Pedro me contava, quando perguntava sobre cigarros, que ele já havia diminuído de quatro para três maços.

Em casa, diante de tantos computadores estragados, a irmã dele indicou uma loja para que ele comprasse uma nova máquina, passando o endereço a ele que, por sua vez, me perguntou se eu sabia onde ficava aquele estabelecimento. Disse que não sabia a localização exata, mas expliquei que conhecia apenas uma daquelas ruas de referência; mesmo assim, o nome da rua e o número da loja não estavam no papel; havia apenas indicações de referências.

Parecia que ele queria dizer que sabia. Tentava me explicar: “é só pegar aquela rua que desce...”, “aonde a gente foi naquele dia...”. Eu dizia que, se tivéssemos um guia ou um mapa, seria mais fácil. Então, a conversa se desviou para outras coisas, mas eu continuava segurando o papel com o endereço. Enquanto isso, ele foi se arrumando para sairmos, mesmo não sabendo exatamente o destino. Senti-me convocado a ir junto, então fomos. Encontramos a

loja sem muita dificuldade, mas não havia um vendedor que pudesse nos atender e fazer a venda.

Na volta para casa, passamos na loja daquele senhor com o qual Pedro estava nervoso, e então pegamos o computador que estava lá, o qual havia sido deixado para arrumar, mas ele não queria levar, devido ao preço. O dono do estabelecimento explicou sobre as modificações feitas no PC e confirmou o preço; Pedro insistiu que ele fizesse mais barato. Ele então fez um desconto e Pedro pode levar a máquina.

Certo dia, a irmã dele me ligou perguntando sobre o que eu estava achando do Pedro. Ela disse que ele andava sujo, não queria cortar o cabelo e achava que ele não estava tomando banho – ela já havia falado disso outras vezes. Expliquei que ele tinha falado, duas semanas antes de conversarmos, que queria cortar o cabelo e que precisava de uma tesoura para cortar as unhas (talvez estivesse esperando o pagamento para fazer isso).

Respondendo a pergunta dela, contei que ele falava sempre do computador, se articulava bem, saía para resolver problemas, tinha conhecido várias pessoas nas imediações e na vizinhança, que estavam lhe ajudando nos seus fazeres e, embora estivesse com roupas sujas, não havia odor que indicasse falta de banho.

Assim, a irmã falou que ele poderia não trocar a roupa para não dar trabalho, pois era ela quem lavava; pareceu-me que ficara mais tranquila. Ela também disse que o dinheiro dele agora era gasto só em computador. Contei para ela sobre a ida ao banco e o fato de ele querer fazer um empréstimo, e que eu estava conversando com ele sobre essa parte de finanças, sobre a necessidade das peças, se ele poderia esperar o próximo mês e que poderíamos pesquisar e encontrar um preço mais baixo.

Em outro encontro, Pedro me disse que ele mesmo montaria e desmontaria computadores, iria arrumar um deles (o preto) e iria vender, pois manter duas máquinas era

bastante dispendioso e que o dinheiro dele não era suficiente. Ele se arrumou, penteou os cabelos e escovou os dentes; saímos. Chegamos à loja e ele negociou, com a moça, em relação os tipos de pentes de memória. Ela ainda explicou alguma coisa sobre os “dentes” dos pentes estarem escuros e explica que seria preciso, apenas, “passar uma borracha para tirar a oxidação”. Ele prestou atenção na explicação, agradeceu, pegou os dois pentes e fomos embora. Já em casa, ele encaixou um dos pentes no computador branco, mas o vídeo não funcionou. Ele disse para esperarmos um pouco, pois poderia demorar. Voltamos para a sala, onde ficamos conversando.

Em outra oportunidade, conversando com Pedro, lembrei-lhe que havíamos combinado de irmos ao CAPS perto do bairro dele. Ele disse que se lembrava, mas falou que estivemos tão ocupados fazendo várias coisas que não tínhamos tido tempo de ir. Combinamos, então, que iríamos marcar um dia para isso.

Dias depois, como combinado anteriormente, fomos ao CAPS. A psicóloga do serviço nos atendeu, fez o acolhimento e conversou com Pedro. Ela pediu que eu os acompanhasse na conversa. Perguntou várias coisas da vida dele: com quem morava, onde, quanto tempo usou drogas, há quanto tempo havia parado e como estava passando, os medicamentos que usava, se estava com algum problema que o perturbava etc. Pedro respondeu que não tinha problemas, que ouvia vozes, mas que isso não o estava incomodando.

Ela propôs que ele participasse da rotina, mas ele disse que não sabia como ir lá. Percebi que ele não queria participar das atividades. A psicóloga disse que, como ele não estava em crise, e queria apenas pegar a receita médica, deveria procurar outra unidade de saúde, que seria uma UBS. Registrou tudo isso em um prontuário e disse que o acolhimento estava aberto, caso ele precisasse de alguma coisa.

Saímos. Pedro, então, parou na porta do CAPS e se agachou para fumar um cigarro. Agachei-me também e conversamos um pouco ali mesmo. Ele me disse que gostou do pessoal daquele CAPS, mas que não gostava de ficar com muita gente, que eu e ele já estava bom. Combinamos que iríamos procurar a UBS indicada para nós.

Fomos à UBS indicada numa tarde, conversamos com a psicóloga que disse que tentaria falar conosco naquele mesmo dia para fazer o cadastro, mas que não era dia de acolhimento (ele aconteceria na semana seguinte, na terça de manhã). Esperamos por um longo tempo. Até o final da tarde, não havíamos sido chamados, então falei com Pedro, que também já estava cansado de esperar, e decidimos ir embora. Avisamos ao pessoal da UBS que não esperaríamos mais e que voltaríamos na semana seguinte para o acolhimento.

Depois, falei por telefone com a irmã do acompanhado sobre a ida à UBS e expliquei como tinha sido. Ela se surpreendeu quando eu disse que ele se propôs a esperar lá sozinho. Ela também nos deu uma ótima notícia, a de que Pedro passara a se alimentar melhor, comendo arroz, feijão e carne, algo que não fazia e que, por vezes, falávamos para ele que era necessário. Há tempos, desde antes do início do Acompanhamento Terapêutico, alimentava-se somente de salgados e vitamina que a irmã deixava toda manhã.

Em um encontro posterior, fomos à UBS. O atendimento foi feito pela psicóloga do serviço, com a anamnese. Depois, a psicóloga nos passou para uma médica de clínica-geral, pois achou que seria mais adequado. O cadastro do paciente foi feito, sendo passadas duas receitas de medicamentos a ele.

Em outro dia, cheguei e vi que Pedro estava bem disposto. Levantou-se e tomou um café; ofereceu-me, mas não aceitei. Voltou para o sofá e contou que estava consertando os dois computadores nos quais vinha trabalhando. Explicou que havia “montado as placas”, ligado os monitores e estava esperando “ativar” para que a imagem aparecesse na tela.

Chamou-me ao quarto para ver, coisa que já não fazia com tanta frequência. Colocou a mão sobre a CPU e disse que podia sentir que o computador estava trabalhando, processando, como se sentisse a vibração do funcionamento da ventoinha (imaginei que fosse isso). Ele confirmou depois, explicou que o barulho significava que estava em conserto, que ele havia colocado em funcionamento para que se instalasse algo e, depois, o monitor funcionaria.

Em outro encontro, Pedro falou algo que me surpreendeu. Disse que estava com uma dor na perna porque havia feito alongamentos no dia anterior – ele percebera que estava ficando “travado”. Incentivei dizendo que isso deveria ser feito, que era uma boa ideia, porque se ele ficasse parado, poderia se “travar”.

Ele me disse isso com uma expressão de quem estava preocupado. Falei que ele deveria também dar umas voltas, uma caminhada, mesmo que fosse pelo quarteirão. Ele me disse que costumava caminhar até a mercearia e a padaria, comentando, inclusive, sobre uma padaria nova que havia sido inaugurada recentemente perto de onde já havíamos levado o computador, demonstrando que estava inteirado sobre o que acontecia pelo bairro.

Próximo encontro: Pedro me atendeu, sentamos na sala e conversamos um pouco. Ele não falou muito e fumou calmamente. Percebi que ele havia ligado o computador ao aparelho de Disco de Vídeo Digital (DVD) da sala. Quando perguntei o que era aquilo, ele explicou que era possível passar programas do DVD para o computador. Ele disse que o barulho no aparelho de DVD rodando significava que o programa estava sendo executado – relacionava os barulhos dos aparelhos com seu funcionamento. A CPU fazia barulho quando trabalhava ou quando fazia barulho, estava funcionando, ou então produzia uma vibração quando funcionava. Pedro explicou também como fazia as montagens e desmontagens no PC, alterando a posição das placas.

Pedro gostava de aparelhos eletroeletrônicos, dizendo que aprendia tudo sozinho. Pedro “desinventava” objetos (como diria Manoel de Barros), dava a eles outras funções, desmontava um carregador de celular para ver e fazê-lo funcionar depois. Se o estabilizador estivesse chiando, estava funcionando – chiando como uma jiboia, ele dizia.

Em outro encontro, Pedro estava bem disposto. Perguntou como fora meu fim de semana, contei que dessa vez não tinha trabalhado como no fim de semana anterior. Ele falou que era ruim trabalhar nesse período; disse que era pior no domingo. Então, ele fez um bico com a boca e mudou a voz, dizendo: “achei um lugar bom, com comida, vou ficar por aqui mesmo”, referindo-se aos gatos que estavam na casa, mais especificamente àquele que era da rua e que agora, adotara a casa dele para morar junto com os outros, segundo nos explicou.

Rimos e ele deu um sorriso aberto. Estávamos falando dos gatos, pois um deles havia sumido e eu havia perguntado onde ele estava. Depois disso, um silêncio, e então ele me deu informações sobre os vizinhos que haviam se mudado para a região há pouco tempo: duas meninas, a mãe e um cachorro. Conversamos muito, bem livremente e levemente, sem “medir” o que falar.

Algo muito curioso de muitos encontros foi a presença daqueles gatos que habitavam a casa. Na maioria das vezes, eles nos faziam companhia, e acredito que também faziam companhia para Pedro. Ele dizia que não gostava muito de animais, mas cuidava dos gatos. Às vezes, dizia que era seria necessário levá-los para vacinar: ele colocava comida e água para eles, abria a porta para que saíssem ou entrassem, fechava a janela do quarto para que não adentrassem por lá. Preocupava-se com uma gata que estava prenha, pois teria de tirar os gatos machos de perto dela, quando os filhotes nascessem.

Em alguns momentos, Pedro fazia suas observações e contava um pouco da história daqueles gatos. Algumas vezes, eles foram o mote da conversa e, de algum modo, nos

conectaram. Lembro-me de um dos encontros em que estávamos num silêncio que parecia se prolongar até o final do dia, até que um gato adentrou a sala, onde outro já estava dormindo – o clima mudou sutilmente.

Para Pedro, aquilo já era rotina, mas em mim causou curiosidade; assim, perguntei se fora ele quem havia adotado os gatos ou foram os gatos que o adotaram. Naquele momento, ele passou a contar a história desses gatos. Em outro dia, mais ou menos nessa mesma época, numa das vezes que ele me convocou para sair, foi preciso que os gatos fossem retirados de dentro de casa, e nos envolvemos a correr pela sala e quarto atrás deles até conseguir tirá-los para fora.

Outra coisa interessante foi a presença do gato de rua que, segundo Pedro, ao se aproveitar da comida e da “boa vida”, começara a fazer parte da casa, junto com os outros gatos. Segundo ele, o gato de rua era diferente porque comia as coisas que estavam em cima da mesa ou da pia. Os outros, que já eram de casa, não faziam isso; comiam apenas a ração colocada na tigela.

Certa ocasião a irmã deixou uma marmita para a sobrinha que às vezes se fazia presente, Pedro se apropriou da comida. Depois disso, ele mesmo pediu para que a irmã deixasse uma marmita para ele. A partir daquele dia, parou de se alimentar apenas de salgados e vitaminas – a questão da alimentação sempre havia nos preocupado. Esse fato aconteceu depois de muito tempo em que insistimos para que ele se alimentasse de “arroz e feijão”; talvez um gato tivesse maior força para tal empreitada.

Talvez os gatos garatujassem um verbo que não existia, linhas para todos os lados, em todas as direções e sentidos, que nos atravessavam, ora nos conectavam, nos conversavam ou nos silenciavam, multiplicavam como as linhas de uma cartografia.

#### 4 ENTRE O QUE SE PASSA

Nesta pesquisa, cartografamos os encontros com Pedro, motivados pelo que se passa entre acompanhado e acompanhante. Para isso, fizemos uma aproximação do Acompanhamento Terapêutico com o pensamento de Deleuze e Guattari. Os intercessores conceituais como cartografia, força, agenciamento e acontecimento permitiram-nos pensar o movimento, as transformações e a criação, produzindo ressonâncias na nossa prática clínica, destacando aí, a deriva.

Se, num primeiro momento, tais encontros nos levaram a pensar o “entre” ou “estar entre” como algo articulável, dinâmico e remetido ao entre dois, essa explicação foi ficando cada vez mais insuficiente e, por isso, mais estranha. Tal estranhamento nos afetou provocando o pensamento, levando a pensar de outro modo, questionar, estranhar, a se debruçar nos relatos do caso, voltar aos livros, procurar referências, perder-se nelas:

Nessa filosofia [de Deleuze] não podemos buscar a causa [da intensificação do sentir que força o ato de pensar] num transcendente externo ou interno ao sujeito pensante. Então, temos de buscar na própria imanência dos encontros a operação pela qual as diferenças disparam por intensificação. Nessa imanência dos encontros, qualquer coisa pode ser signo, desde que seja portadora de um sistema de diferenças ou de diferenciações complexas em que haja uma disparação intensiva. (Orlandi, 2009, p.264).

Nesse sentido, no Acompanhamento Terapêutico, consideramos marcos de um percurso para além dos espaços e tempos instituídos, um estado de suspensão temporal e temporária, um ponto em que se vive a ansiedade, a expectativa, a preocupação e a passagem para um estado de surpresa, de “não saber”, em que algo novo se anuncia entre hesitação e surpresa. Uma segurança e uma aposta de que algo possa vir a acontecer ou mesmo que nada possa acontecer – pelo menos aos nossos olhos – a partir desses encontros.

Abrir a clínica para a intensidade dos encontros passa a ser o mote ou a condição de possibilidade para a criação de algo novo. Uma relação que não é de um tempo cronometrado que marca a espera por algo ideal, curativo, miraculoso, mas apenas um tempo-desejo, uma duração, tempo para uma produção maquínica de diferenças, sem um ideal pressuposto a ser alcançado e sem garantias.

Por meio da deriva, esse acompanhamento transbordou para além e aquém dos limites físicos dos espaços e do tempo cronológico marcado, por exemplo, para fins de contrato. transbordou para além e aquém dos limites físicos dos espaços e do tempo cronológico marcado, por exemplo, para fins de contrato.

Nas derivas tivemos coisas acidentais, encontros que, às vezes, pareciam ter importância, outras vezes, não. De tal modo, por um ritmo, ou um motivo que se repetia, as linhas formavam territórios. Do caos, passou-se a uma ordem, delimitou-se certa forma. Por um ritmo, ou um ritornelo, tivemos então uma figura, um território, uma estratificação.

A deriva compôs o processo de produção social das máquinas desejanças produzida nos (e pelos) encontros em que cada território engloba ou recorta outro território, formando junções interespecíficas. Fizemos um contraponto com o acompanhado nos encontros que tivemos, intervindo ou interferindo nas situações cotidianas do acompanhado, incluindo por vezes outro ritmo, outro arranjo, outro compasso, fazendo composições com Pedro. Essas relações de contraponto juntam planos, formam compostos de sensações, blocos e determinam devires (Deleuze & Guattari, 1997a).

Nesses encontros maquínicos, montagem e desmontagem vêm a ser o signo dos encontros. Nesse processo, o Acompanhamento Terapêutico compõe-se de um jogo lúdico de formulações, e invenções. Podemos dizer que acompanhado e acompanhante são montadores e desmontadores, efetuando composições e decomposições de ligações e rupturas, de

conexões e desconexões dos elementos, tanto computacionais, quanto sociais que entram nessa maquinação desejante.

Tais movimentos compreendem deixar o território, aumentar seu grau de abertura ao Fora, “sempre retomar, retomar pelo meio, [por entre], para dar aos elementos novas relações de velocidades e de lentidão que os fazem mudar de agenciamento, saltar de um agenciamento para outro” (Deleuze, 1998, p. 110).

Nesses termos, o território não se limita a isolar e juntar, mas agencia forças que sobem de dentro ou que vem de fora e tornam sensíveis seus efeitos sobre o habitante. É um plano de composição que comporta as forças do acompanhante terapêutico e do acompanhado – entre os dois, nada, um vazio assustador; ou as forças se fundem umas nas outras em transições sutis, decompõem-se tão logo vislumbradas, ora se alternam ou se enfrentam; ora se deixam selecionar pelo território e são mais benevolentes quando entram na casa; ora lançam um apelo misterioso que arranca o habitante do território e o precipita numa viagem irresistível (Deleuze & Guattari, 1997a).

O Acompanhamento Terapêutico vem a ser um agenciamento nômade, uma deriva em que o acompanhante habita ou produz um trajeto junto com o acompanhado, intervém a partir do lugar, a partir do que encontra no próprio ato de fazer o trajeto para, daí, extrair forças e compor com elas (Deleuze & Guattari, 1997b).

Diante do objetivo específico do CAPS-ad, dos diagnósticos, do vício, do isolamento, da desqualificação do seu discurso e da ansiedade dos familiares, de certa preocupação do acompanhante com a suposta necessidade de fazer saídas, numa espécie de reducionismo e simplismo da prática do Acompanhamento Terapêutico, vemos a potência de afirmação da vida sendo aniquilada.

Ao subtrair esses elementos que insistiam em se perpetuar como supostas verdades, temos um processo em que a figura do paciente e terapeuta, ou analista e analisando, ou terapia e cura vão perdendo o seu contorno e estabilidade. A problematização passa a ocupar a cena e revitalizar a clínica e a vida.

Quando acontece essa subtração, as figuras representantes de um poder hegemônico – o terapeuta, o analista, o *setting* ou a terapia – que asseguram uma coerência de um tratamento, de uma abordagem, de uma técnica, de uma finalidade bem definida perdem seu contorno. Esse processo implica em entender o movimento de subtração já recoberto por um outro movimento, “... que faz nascer e proliferar algo de inesperado...” (Deleuze, 2012b, p. 29).

Podemos dizer então que os encontros, subtraídos daqueles elementos, permitiram intensidades diferentes, composições variadas, um acolhimento ao silêncio, ao delírio, um compartilhamento intenso e extenso do dia a dia, um uso inusitado e singular do computador, contato com lojas de informática, com vizinhos, saídas por parte do acompanhado, invenções, conexões e embates.

Isso não quer dizer que o projeto do CAPS-ad ou as preocupações familiares ou do acompanhado foram desconsiderados, mas foram rearticulados na cena, entrando em composição de uma forma diferente, com uma importância diferente.

Nesse sentido, podemos nos referir ao “Entre” como um plano de composição por excelência; por isso, “Entre” se constitui num plano intensivo capaz de violar a instituição das formas e conduzi-las à composição de diferenças. Logo, a clínica do Acompanhamento Terapêutico não tem um espaço privilegiado de atuação, mas é feita ou se faz *Entre*-lugares; assim como não tem uma temporalidade exata, fixa, cronológica, mas um *Entre*-tempo, se constituindo por um plano intensivo muito mais do que por estratificações, se constituindo num processo de subtração, a partir de alguns modos, dentre os quais destacamos:

Uma abertura ao encontro, o que não é simplesmente uma atitude consciente, engajada, mas uma disponibilidade (com a prudência necessária) para suportar a intensidade de encontros com as forças do Fora e a desterritorialização de lugares aos quais nos acomodamos, e o risco de dar certo ou não; além disso, desvia-se o quanto possível de modelos, sejam quais forem e de onde vierem para fazer passar tudo por uma linha de fuga criadora que não para de extrapolar, por excesso ou por falta, o limiar do padrão majoritário (Deleuze, 2012b).

Compomos assim a clínica do Acompanhamento Terapêutico num agenciamento com ruas, andanças, casa, gestos delírios, palavras, presença, informática, lugares e tempos, abrindo-se, desejando surpresas do/no trajeto, mudanças de papéis, abrindo mão de uma ação, de um lugar e de uma posição supostamente privilegiada, nos permitindo derivar, ser tomados por um fluxo em que certa identidade não se assegura mais num nome próprio ou numa qualidade fixa, num saber ou diagnóstico, posição de quem conhece ou de quem é conhecido ou faz conhecer.

Temos no devir-*driver* um afeto que remete a vários trajetos, para as lojas de manutenção e de peças, pelas ruas, por lugares e estados intensivos. São trajetos comuns, mas o devir faz do trajeto, seja ele qual for, uma viagem, uma composição de velocidades e afetos num plano de consistência; e Pedro sai para as ruas, mapeando a vizinhança, marcando seus lugares favoritos, ocupando a casa, o quarto, fazendo desse local o seu quartel, sua pousada e sua moradia, e não seu confinamento, enfim, produzindo seus modos de vida.

O que interessa não é a identidade, a técnica, se ele aprendera ou não consertar os aparelhos, ou se eles funcionaram ou não. Importa é que, nesse processo, a sua forma de ver e viver se modificava. Assim, existe uma dinâmica que perpassa tal funcionamento: os

elementos do Acompanhamento Terapêutico são combinados, recombinações de várias maneiras, assim como Pedro combina e recombina as várias partes do computador.

Podemos também dizer, do Acompanhamento Terapêutico, aquilo que escreveu Lobosque (2003) sobre a clínica em movimento:

Oferecer cabimentos aos pedaços sem lugar: de trecos e cacarecos, fazer coisas; de estranhos ruídos, fazer concertos [e concertos]; do excesso, fazer arte; do resto, fazer parte – belo privilégio subjetivo, pleno exercício de cidadania! Assim num zumbido tranqüilo ou numa frase ousada, um silêncio oportuno ou num belo delírio (p. 158).

Buscamos no Acompanhamento Terapêutico: incitar, suscitar vida ali onde ela se encontra despotencializada ou enclausurada em formas rígidas de vida, como a suposta vida louca e drogada de Pedro. O Acompanhamento Terapêutico aparece como intercessor para a criação de universos existenciais onde a vida parece minguar.

Nesses movimentos, o próprio Acompanhamento Terapêutico, agenciado no processo, muda de função. Assim como os elementos também entram numa outra relação, o Acompanhamento Terapêutico também o faz. Tais movimentos compreendem os devires de modo que não estão direcionados à busca de uma verdade, ou de uma posição privilegiada, isto é, são uma coleção e séries de metamorfoses, de mudanças, muitas vezes sutis e imperceptíveis, pelas quais acompanhado e acompanhante passam em suas formas de pensar e agir.

Nesse sentido, “Entre” e *drivers* não são objetos ou formas, mas forças que arrastam ambos, acompanhado, acompanhante, escrita, lugares, tempos, clínica, CAPS, ruas... etc. “Entre” e *drivers*, estranhezas nesses encontros que nos pegam “provocando variações em [nosso] poder de ser afetado, forçando-nos a sentir, a memorar, a imaginar....a pensar de outro modo...” (Orlandi, 2009, p. 263).

Um devir-infância, um devir-dança, um devir-*driver*, um devir-esquizo atravessando a ordem “normal” das coisas. “Os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas” (Deleuze, 1998, p. 10), um dado intensivo que apela para outras intensidades a fim de compor outras configurações existenciais (Guattari, 2001, p. 28). “Não quer dizer que um meio determine necessariamente a existência dos personagens, mas antes que estes se definem pelos trajetos que fazem na realidade ou em espírito, sem os quais não há devir” (Deleuze, 1997, p. 78).

Pedro, um acontecimento, uma *hecceidade*, “tão desregrado quanto o vento e secreto quanto o que faz à noite”, um efeito Pedro, um deslocamento de centro que arrasta o Acompanhamento Terapêutico e/ou o acompanhante. Ao estarem limitados (acompanhado e acompanhante) a um repertório que reafirmava as formas socialmente estabelecidas, vão introduzindo suas sutis irregularidades, escapando do estratificado. Uma linha de fuga escapa de um território “clinizado” e de seus códigos.

Consideramos que o Acompanhamento Terapêutico, sob a perspectiva da cartografia, compõe-se de uma pragmática de encontros intensivos, nos quais, a forma da clínica torna-se mutante, um processo com movimentos proliferativos em que não interessa o início ou o fim, mas o meio, os devires, o movimento, em que meio ou “entre” não é uma média ou um centro, mas um transbordamento.

Nessas cartografias, destacamos os encontros entre acompanhado e acompanhante, suas composições e os conceitos que nos afetaram, produzindo ressonâncias, conforme já foi dito. Como não houve intenção de esgotar todas as implicações entre a clínica do Acompanhamento Terapêutico e o pensamento dos autores, por esse não ser o objetivo do trabalho, possivelmente temos elementos, questões ou intercessores a serem produzidos por outras cartografias.

Assim, podemos colocar algumas questões, por exemplo: se o Acompanhamento Terapêutico iniciou-se com a abertura dos manicômios e teve esse evento como balizador do seu modo de fazer a clínica, como pensar esse fazer hoje? É possível fazer que a clínica seja um intercessor para a produção efetiva de novos territórios de existência e não seja reduzida a uma certa forma de manter o acompanhado institucionalizado? É possível pensar numa “clínica da subtração” ou numa “clínica dos devires minoritários” diferente dos modelos de clínica existentes? O Acompanhamento Terapêutico poderia ser um dos modos de se fazer esta clínica? Certamente são perguntas que podem proporcionar novos movimentos para o pensamento.

**REFERÊNCIAS**

- Barros, L. P. & Kastrup, V. (2009). Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, E., V. Kastrup & Escóssia, L. (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 52-75). Porto Alegre, RS: Sulina.
- Cassetari, G. (1997). Nós e os Loucos Circulando por Argos. A Clínica do Acompanhamento Terapêutico. In: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Instituto A casa (Org.), *Crise e Cidade: Acompanhamento Terapêutico* (pp. 109-119). São Paulo, SP: EDUC.
- Deleuze, G. (1976). *Nietzsche e a filosofia* (R. J. Dias e E. F. Dias, Trans.). Rio de Janeiro, RJ: Ed. Rio.
- Deleuze, G. (1983). *Cinema - 1 a imagem-movimento* (S. Senra, Trad.). São Paulo, SP: Ed. Brasiliense.
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e Clínica* (P. P. Pelbart, Trad.). São Paulo, SP: Ed. 34.
- Deleuze, G. (1998). *Diálogos / Gilles Deleuze, Claire Parnet* (E. A. Ribeiro, Trad.). São Paulo, SP: Escuta.
- Deleuze, G. (2000). *Diferença e repetição* (L. Orlandi e R. Machado, Trans.). Lisboa, PT: Relógio d'água.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa: Filosofia prática* (D. Lins & F. P. Lins, Trans.). São Paulo, SP: Escuta.
- Deleuze, G. (2005). *Cinema 2 A Imagem-tempo* (E. A. Ribeiro, Trad.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Deleuze, G. (2006). *Foucault* (C. S. Martins, Trad., R. Ribeiro, Rev.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Deleuze, G. (2009). *A lógica do sentido* (5a ed) (L. R. S. Fortes, Trad.). São Paulo, SP: Perspectiva.

Deleuze, G. (2010a). *Conversações* (2a ed) (P. P. Pelbart, Trad.). São Paulo, SP: Ed. 34.

Deleuze, G (2010b). *Sobre o teatro: um manifesto de menos; O esgotado* (F. Saadi, O. de Abreu e R. Machado, Trads). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Deleuze, G. (2000). *Diferença e repetição* (L. Orlandi, R. Machado, Trads.). Lisboa, PT: Relógio D'Água.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1995a). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (A. G. Neto e C. P. Costa, Trads., Vol. 1). São Paulo, SP: Ed. 34.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1995b). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (A. L. Oliveira e L. C. Leão, Trads., Vol. 2). São Paulo, SP: Ed. 34.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1996). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (T. A. G. Neto, A. L. Oliveira, L. C. Leão e S. Rolnik, Trads., Vol. 3). São Paulo, SP: Ed. 34.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1997a). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (S. Rolnik, Trad., Vol 4). São Paulo, SP: Ed. 34.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1997b). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (P. P. Pélbar e J. Caiafa, Trads., Vol 5). São Paulo, SP: Ed. 34.

Deleuze, G. & Guattari, F. (2010). *O anti-édipo – capitalismo e esquizofrenia I* (L. B. L. Orlandi, Trad.). São Paulo, SP: Ed. 34.

Fulgêncio jr., L. P. (1991). Interpretando a história - Acompanhamento terapêutico de pacientes psicóticos no hospital-dia A Casa. In: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Orgs.), *A Rua como Espaço clínico: Acompanhamento Terapêutico* (pp. 231-236). São Paulo, SP: Escuta.

Guattari, F. (2001). *As três ecologias* (11a ed.) (M. C. F. Bittencourt, Trad.). Campinas, SP: Papirus.

Guattari, F. (2006). *Caosmose: Um novo paradigma estético* (A. L. Oliveira, L. C. Leão, Trads.). São Paulo, SP: Ed. 34.

Guattari, F. & Rolnik, S. (2010). *Micropolítica – Cartografias do desejo* (10a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Ibrahim, C. (1991). Do Louco à Loucura: O Percurso do Auxiliar Psiquiátrico No Rio de Janeiro. In: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Org.), *A Rua como Espaço clínico: Acompanhamento Terapêutico* (pp. 43-49). São Paulo, SP: Escuta.

Jacques, P. B. (2003). Circulação de Ideias Situacionistas no Campo do Urbanismo. In: P. B. Jaques (Org.), *Apologia da deriva – Escritos situacionistas sobre a cidade* (pp. 25-30). Rio de Janeiro, RJ: Casa da Palavra.

Lobosque, A. M. (2003). *Clínica em movimento. Por uma Sociedade sem Manicômios*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.

Orlandi, L. B. L. (2009). Deleuze. In: O. G. Vattimo, R. Pecoraro (Orgs.), *Os Filósofos: clássicos da filosofia* (Vol 3, pp. 257-274). Petrópolis, RJ: Vozes.

Passos, E. & Eirado, André do (2009). Cartografia como método de Pesquisa-intervenção. In Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. (Orgs.), *Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador* (pp. 109-130). Porto Alegre, RS: Sulina.

Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. (Orgs.). (2009). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, RS: Sulina.

Passos, E. & Barros, R. B. (2009). Cartografia como método de Pesquisa-intervenção. In Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 17-30). Porto Alegre, RS: Sulina.

Pelbart, P.P (1993). *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago.

Pelbart, P.P (2009). *Da clausura do fora ao fora da clausura- loucura e desrazão* (2a Ed). São Paulo, SP: Iluminuras.

Porto, M. & Sereno, D. (1991). Introdução à Clínica do Acompanhamento Terapêutico. In: Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa (Orgs.), *A Rua como Espaço Clínico: Acompanhamento Terapêutico* (pp. 17-40). São Paulo, SP: Escuta.

Rolnik, S. (1997). Clínica Nômade. In Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Instituto A Casa (Orgs.), *Crise e Cidade: Acompanhamento Terapêutico* (pp. 83-97). São Paulo, SP: EDUC.

Silveira, R. W. M. (2006). *Amizade e psicoterapia*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil.